

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO
MOVIMENTO HUMANO

MARCELO DE FARIAS TEIXEIRA

**O esporte como propaganda política: análise dos
aspectos simbólicos das Olimpíadas de 1936 e da Copa
do Mundo de Futebol de 1970**

Piracicaba
2019

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MARCELO DE FARIAS TEIXEIRA

O esporte como propaganda política: análise dos aspectos simbólicos das Olimpíadas de 1936 e da Copa do Mundo de Futebol de 1970

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), para obtenção do Título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cinthia Lopes da Silva.

FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação de mestrado intitulada “O esporte como propaganda política: análise dos aspectos simbólicos das Olimpíadas de 1936 e da Copa do Mundo de Futebol de 1970” elaborada por Marcelo de Farias Teixeira, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), para obtenção do Título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

DATA DE APROVAÇÃO

28 / 02 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Cinthia Lopes da Silva
Orientadora

Prof.^a. Dr. Belarmino César Guimarães da Costa
Unimep – Piracicaba - SP

Prof.^a. Dr. Emerson Luís Velozo
Unicentro – Irati - PR

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos familiares e amigos que incentivaram e acreditaram em minha caminhada, árdua, diga-se de passagem, mas também muito gratificante pelas inúmeras experiências vividas não só no campo acadêmico mas também como uma oportunidade de amadurecimento espiritual.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao grande arquiteto do universo na certeza de que Deus esteve ao meu lado em todos os momentos desta jornada desde o irradiante sorriso às mais melancólicas lágrimas. A minha esposa Sandra que não mediu esforços para suprir minha ausência de casa durante o período de estudos e aos meus filhos Mateus e Miguel pelo carinho. Aos meus pais especialmente à minha mãe Miriam pelo apoio e minhas irmãs Andréa e Juliana pelo incentivo. Ao Programa de Pós graduação em Ciências do Movimento Humano da Unimep e a Capes pelo apoio financeiro. A minha orientadora Dr^a. Cinthia Lopes da Silva pelos seus valiosos ensinamentos e paciência.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo identificar e analisar os aspectos simbólicos e de propaganda política governamental dos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, e a Copa do Mundo de Futebol de 1970, no contexto do Brasil, e fazer uma comparação entre esses dois eventos esportivos. Nos Jogos de 1936 realizados na então Alemanha nazista o governo se apropriou do evento para difundir ao mundo sua propaganda de regime político racista e totalitário. No caso da Copa do Mundo de Futebol de 1970, no contexto brasileiro, apesar de não ter havido a questão racial, o governo militar da época se apropriou da imagem positiva da seleção brasileira e a usou como propaganda de autoafirmação e mascaramento de um regime ditatorial que vivia o ápice da censura e repressão. O presente estudo é de natureza qualitativa, sendo realizada uma investigação de tipo bibliográfica e documental. Foram consultados livros, dissertações, teses e periódicos. A pesquisa documental foi realizada a partir de materiais de ampla circulação como revistas, panfletos de propagandas, datados dos anos de 1936 e 1970, que foram selecionados para análise contendo elementos indicativos de propaganda política usada a partir dos Jogos Olímpicos de 1936 e da Copa do Mundo de 1970. Conclui-se que em ambos os eventos esportivos houve, de fato, uma apropriação de cunho político propagandístico que está representada por meio de alguns elementos simbólicos como cartazes de época, expressões gestuais, quadro de medalhas.

Palavras-chave: esporte, política, lazer, megaventos esportivos, cultura.

ABSTRACT

This work is aimed at identifying and analyzing the symbolic aspects as well as the government propaganda of the 1936 Berlin Olympic Games and the 1970 FIFA World Cup, in Brazil's context, and make a comparison between these two sports events. In the 1936 Berlin Games, which took place in Nazi Germany, the government took advantage of the event to spread their totalitarian, racist, Nazi regime. As to the 1970 FIFA World Cup, in Brazil's context, although racism was not the case, the Brazilian military government also took advantage of the event and used the positive image of the national Brazilian team as propaganda in order to mask the dictatorial regime which was at its peak in terms of censorship and repression. The present study is of qualitative nature, where documentary and bibliographic investigations were carried out. Books, dissertations, thesis and journals were consulted. The documentary research was carried out with the use of magazines and propaganda leaflets from 1936 to 1970. They were selected for analysis due to the propaganda elements which were used in 1936 Berlin and 1970 FIFA World Cup. It's concluded that in both sports events, there was indeed propaganda which was represented by means of posters, gestures and medal boards.

Keywords: sport, politics, leisure, sports megaevents, culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1 CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO.....	7
2 OBJETIVO.....	9
3 RESULTADOS I: Aspectos teóricos.....	10
3.1 Esporte como espetáculo.....	13
4 RESULTADOS II: A Difusão do Esporte pela Mídia e a Propaganda Política no Contexto da Alemanha de 1936.....	18
4.1 Esporte e mídia na Alemanha de 1936: As Olimpíadas e a ideologia Nazi...18	
4.2 A propaganda estratégica e a associação do esporte com a guerra.....25	
4.3 Os aspectos simbólicos das Olimpíadas de Berlim em 1936.....33	
4.4 Os Jogos Olímpicos de 1936 no contexto do lazer.....46	
5 RESULTADOS III: Seleção brasileira, mídia e a preparação para a Copa do Mundo de Futebol de 1970.....	50
5.1 A Copa do Mundo de Futebol de 1970 no contexto do Brasil e o gênero da assistência ao lazer.....56	
5.2 Os aspectos simbólicos da Copa do Mundo de Futebol de 1970.....64	
6 RESULTADOS IV: A relação entre as Olimpíadas de 1936 e a Copa do Mundo de Futebol de 1970 a partir de seus aspectos simbólicos.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	81
REFERÊNCIAS (FOTOS/FIGURAS).....	84

INTRODUÇÃO

O esporte como fenômeno social sempre despertou a atenção do Estado tanto em regimes políticos democráticos quanto antidemocráticos, pois este poderia ser usado como instrumento para atender aos interesses do governo. Dentro desta perspectiva, os Jogos Olímpicos de 1936 na Alemanha nazista e a Copa do Mundo de Futebol de 1970 no contexto do Brasil se apresentam dentro da história como um bom exemplo da interferência do Estado que, por meio desses eventos, teve intenção de disseminar sua propaganda política governamental, principalmente através de elementos simbólicos que serão descritos no texto. Com isso, estes eventos esportivos foram incorporados com uma visão funcionalista/utilitária do esporte que é contrária aos princípios dos Jogos Olímpicos e aos conceitos de alguns autores que tratam do tema. Neste sentido, Dumazedier, (1980) aponta que:

O Estado se utiliza da promoção social, dos profissionais do esporte (que emergem do lazer esportivo e das competições amadoras) apenas por tê-la conferido aos que consideram melhores; sendo que estes são usados como agentes de publicidade para o país, confinando sua liberdade e transformando-os em instrumentos para defender uma posição política que nem sempre pode ser a mais sensata e digna (DUMAZEDIER, 1980, pg. 123).

De fato, no que se refere às Olimpíadas de 1936, os nazistas viram nos jogos a possibilidade de mostrar para o mundo a nova Alemanha que surgia após a 1ª guerra mundial, sob um regime político de segregação racial pautado pelo extremismo que, embora muito bem mascarado pela política de “boa vizinhança” para que se cumprissem seus objetivos no decorrer dos jogos, futuramente mostraria sua verdadeira face causando um dos maiores genocídios da história da humanidade.

Já com relação à Copa do Mundo de Futebol de 1970 existe a hipótese do alinhamento de alguns pontos em comum com a Olimpíada de 1936 como, por exemplo, a utilização do evento esportivo pelo governo como propaganda de autoafirmação e mascaramento de um regime ditatorial. No caso do Brasil, o momento vivido era chamado “milagre econômico” devido ao crescimento econômico elevado do país, mas que também ficou conhecido como “anos de chumbo” por conta do autoritarismo, repressão e crimes de tortura. Neste contexto, o lazer vivenciado situava-se no gênero de assistência ao futebol - esporte marcante na cultura brasileira e que representa a identidade nacional – o que poderia contribuir convenientemente para a prática do lazer como “(...) simples assimilador

de tensões ou alguma coisa boa que ajude a conviver com as injustiças sociais” (MARCELLINO, 1987, pg.41) e, com isso, o consequente desvio das atenções ao grave problema social vivido pela sociedade da época. Isso para Marcellino (1987) remete a uma visão de “antilazer”, ou seja, sua própria negação, através de simples atividades consumidas, alimentando a alienação:

Dessa forma, o lazer seria uma “(...) construção ideológica, sob a qual o antilazer se aproveita para penetrar mais eficazmente no modo de vida das pessoas, com o objetivo de mantê-las perfeitamente integradas na sociedade industrial e urbana”. Ou no dizer de Pascal, como “(...) o ruído que nos desvia de pensar na nossa condição e nos diverte”; ou, ainda, dito de outra forma, como instrumento de dominação (MARCELLINO, 1987, pg. 42).

Esta citação do autor está alinhada à condição de opressão e censura vivenciada pela população da época por um regime ditatorial severo, que buscava obter total dominação e controle da situação; neste sentido, esperava-se que o povo encontrasse na assistência à seleção brasileira de futebol uma forma de distração e esquecimento dos graves problemas políticos.

Na análise dessa relação entre os eventos, possivelmente a maior diferença estaria centrada na figura da supremacia da suposta raça ariana – ideologia central do nazismo – onde Hitler queria provar empiricamente por meio dos jogos a superioridade dos alemães dito arianos, em detrimento dos povos não arianos de nações estrangeiras. Cabe aqui ressaltar que tanto as diferenças como as semelhanças serão importantes para problematizar a pesquisa proposta.

O texto está dividido em três partes: inicialmente foi discutida a difusão do esporte pela mídia e a propaganda política no contexto da Alemanha em 1936 com destaque à ideologia de supremacia racial nazista, a propaganda estratégica, aspectos simbólicos e os Jogos Olímpicos de 1936 no contexto do lazer. Em seguida, a discussão foi sobre a difusão do esporte pela mídia e a propaganda política no contexto do Brasil em 1970, com destaque à mídia/seleção brasileira de futebol/preparação para Copa, aspectos simbólicos e a Copa do Mundo de Futebol de 1970 no contexto do Brasil e o gênero da assistência ao lazer. Por fim, foi feita a comparação entre as Olimpíadas de 1936 e a Copa do Mundo de Futebol de 1970, no contexto da sociedade brasileira

1 CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

O presente estudo é de natureza qualitativa. Neste sentido, Minayo (1994, p. 21-22) aponta que se trata de um tipo de pesquisa que trabalha com o “[...] universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Foi realizada pesquisa bibliográfica e documental (imagens e textos) nos acervos das bibliotecas da Unimep, UFscar, Unimontes e internet. Procuramos apresentar o texto de modo a mostrar como se deu a construção dos fatos que confirmam o uso do esporte nos eventos Jogos Olímpicos de 1936 e Copa do Mundo de Futebol de 1970 como forma de propaganda política governamental. A opção de escolha por estes dois eventos esportivos (considerados os maiores mundialmente) se deu pelo fato da interferência estatal nos mesmos.

A primeira fase da pesquisa consistiu na pesquisa bibliográfica e documental. Com base nas ideias de Severino (2007), o levantamento bibliográfico foi realizado a partir das palavras-chaves: esporte, política, lazer, jogos olímpicos, história, copa do mundo e olimpíadas. Para a realização deste levantamento foram consultados livros, dissertações, teses e periódicos. A pesquisa documental foi realizada a partir de materiais de ampla circulação como revistas, fotografias e panfletos de propagandas, que foram datados dos anos de 1936 e 1970.

O acesso às principais fontes, como por exemplo as fotografias e cartazes de época, se deu pela pesquisa eletrônica via internet em sites brasileiros e alemães de história dos esportes, revista alemã de esportes “Kicker”, revista brasileira “O Cruzeiro”, “Realidade”, jornal “A Gazeta de São Paulo”, “Folha de São Paulo”, “O Globo”. Foi realizada uma visita ao Museu do Futebol em São Paulo-SP onde também tivemos acesso à fontes históricas de materiais, fotografias e cartazes de épocas como a exposição da camisa que Pelé usou na final contra a Itália na Copa do Mundo de Futebol de 1970, fotos do então presidente Médici jogando no Palácio do Planalto, cartazes associando o êxito da seleção brasileira com o progresso do governo militar etc.

Como critério para seleção deste material levou-se em conta o que era explicitamente alusivo aos aspectos simbólicos e indicativos de propaganda política de ambos eventos esportivos que serão discutidos. A análise desse material documental foi baseada em Thompson (1998) e (2011). O autor destaca a importância da dimensão simbólica dos meios de comunicação, salientando que a

difusão de uma ideologia dominante pela mídia é peça fulcral dentro de qualquer propaganda governamental.

A segunda fase da investigação foi a comparação entre os dados levantados tanto na pesquisa bibliográfica como na documental, no sentido de identificar semelhanças e diferenças entre os Jogos Olímpicos de 1936 e a Copa do Mundo de Futebol de 1970, com relação a seus aspectos simbólicos de propaganda política.

2 OBJETIVO

Analisar os aspectos simbólicos e de propaganda política governamental dos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, e a Copa do Mundo de Futebol de 1970, no contexto do Brasil, e fazer uma comparação entre esses dois eventos esportivos.

3 RESULTADOS I

ASPECTOS TEÓRICOS - FUNDAMENTAÇÕES

Há de se ressaltar aqui a dimensão social dos veículos de comunicação, e neste sentido a influência exercida por estes nas sociedades de uma forma geral. O que se pretende dizer é que os dois eventos que serão aqui analisados (Jogos Olímpicos e Copa do Mundo de Futebol) são vistos como grandes fenômenos sociais e, nessa perspectiva, a mídia exerce um papel muito importante, pois ela realiza a difusão desses fenômenos para as massas, seja pelos seus variados meios de comunicação como televisivo, radiodifusão, impressos e, hoje em dia, a internet. Isso talvez possa caracterizar os meios de comunicação de massa como condutores universais das formas e conteúdos simbólicos. Thompson (1998, p.19) destaca que:

“[...] os meios de comunicação têm uma dimensão simbólica irreduzível: eles se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e os recebem”.

O autor destaca a grandeza e alcance que os meios de comunicação de massa representam e que não há possibilidade disso ser reduzido, na verdade o que se vê no mundo contemporâneo é uma rápida e dinâmica evolução neste sentido, o autor também destaca que há a reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si, fazendo ainda uma analogia a fala de Geertz (1989, p. 15) “[...] que o homem é um animal amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu [...]”. Mas o fato é que a comunicação sempre irá reproduzir de forma contextualizada a situação que se vive na sociedade, assim como Elias (1995) cita que o esporte que se pratica em uma determinada localidade reproduz bem o momento político cultural dessa sociedade.

Ao nos referirmos à questão simbólica há de se ressaltar sobre uma análise do sentido geral do “poder” de que se refere Thompson (1998, p. 21): “[...] poder é a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências.” Com isto, é conveniente aqui propormos a relação deste conceito de poder com o contexto dos meios de comunicação de massa na Alemanha em 1936, durante as Olimpíadas, e no Brasil de 1970 durante a Copa do Mundo de Futebol no México, pois em ambos regimes políticos (apesar de épocas diferentes) caracterizavam-se pela concentração do poder nas mãos do Estado, sendo assim, este poderia usá-lo à sua disposição, sobretudo para atendimento de seus interesses específicos.

Considerando que, na ocasião o governo detinha o completo poder e controle dos veículos de comunicação de massa, seria muito apropriado se aproveitar da ocasião festiva desses eventos e divulgá-los. No caso das Olimpíadas de 1936, em Berlim, foi um evento organizado e realizado pelo governo nazista, já a Copa do Mundo de Futebol foi realizada no México, porém teve grande repercussão simbólica no contexto brasileiro por conta da seleção brasileira ter conquistado o tricampeonato mundial e esse acontecimento foi usado pelo governo brasileiro à favor de sua imagem como forma de propaganda política.

O Estado alemão e brasileiro exerciam na época uma forma de poder coercitivo sobre os veículos de comunicação, no qual há ameaça de uso da força física ou armada para garantia do poder político, neste sentido a imprensa não governamental era controlada e censurada pelo Estado, devendo dar publicidade apenas às questões de seu interesse. Mas o fato é que há um outro importante tipo de poder, citado por Thompson (1998), que se trata do poder cultural ou simbólico:

O poder simbólico nasce na atividade de produção, transmissão e recepção dos significados das formas simbólicas. A atividade simbólica é característica fundamental da vida social, em igualdade de condições com a atividade produtiva, a coordenação dos indivíduos e a atividade coerciva. (p. 24).

O autor supracitado nos revela através de sua fala que, o poder simbólico pode estar em pé de igualdade com o poder econômico, político e coercitivo. Neste sentido, podemos ter uma ideia do nível de importância das ações simbólicas dentro de qualquer sociedade. Na discussão desta pesquisa isso será fundamental para um melhor entendimento dos fatos que sucedem os próximos capítulos, uma vez que em ambos contextos dos eventos aqui analisados surgem formas simbólicas das mais diversas que provocaram reações de cunho político como resistências, protestos, apoio, crenças e descrenças.

Sempre que falarmos nos interesses do Estado não será difícil notar no decorrer do texto o quanto as expressões simbólicas propostas pelos governos da Alemanha e do Brasil estavam vinculadas às formas simbólicas dos dois eventos, a intenção, no caso brasileiro, era associar ao governo militar a imagem positiva e a conquista do tri campeonato de futebol que a seleção brasileira obteve no mundial disputado no México, de modo a afirmar a ideia de que o regime político estava prosperando e o Brasil estava no caminho certo. Já com relação às Olimpíadas de 1936 as formas simbólicas criadas pelos nazistas também se faziam presentes em todas as fases do evento, um exemplo disso é a suástica estar sempre ao lado dos arcos olímpicos (figura 05).

Apesar da atividade simbólica realizada pela mídia estar em uma certa conjuntura de conformação, sobretudo na difusão das formas simbólicas apresentadas em ambos eventos, elas também despertaram a desconfiança, oposição e polêmica por parte de algumas nações (caso específico dos Jogos Olímpicos de 1936) e por parte de opositores da ditadura militar brasileira em 1970 (no feito da Copa do Mundo de Futebol em 1970 no contexto do Brasil). Neste sentido, Thompson (1998, p. 26) ressalta que, “ações simbólicas podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e a descrer, apoiar os negócios do Estado ou sublevar as massas em revolta coletiva”.

Podemos citar como uma dessas reações e respostas de que se refere Thompson (1998) a resistência aos Jogos Olímpicos de 1936 na Alemanha Nazista que foi explicitamente declarada pela cidade de Barcelona que realizou no mesmo período o evento denominado “Olimpíada Popular”. Tal atitude se apresentou claramente como uma forma de oposição ou boicote às Olimpíadas de Berlim, pois tratava-se de um evento alternativo sugerindo que dentro do esporte não há espaço para preconceitos, mas sim de inclusão. Já pelo lado do maior evento futebolístico mundial realizado na Cidade do México em 1970, notamos que também houve algumas reações de oposição dentro do contexto brasileiro, estas eram desencadeadas principalmente pelos militantes de esquerda, incluindo alguns artistas e intelectuais que reivindicavam o fim da ditadura. Para eles, quem torcia pela seleção brasileira de futebol simultaneamente torcia pelo regime ditatorial por conta da utilização da seleção brasileira como forma simbólica vinculada ao governo.

Contudo, isso certamente nos faz retornar à fala de Thompson (1998, p.24) “[...] ações simbólicas, além de provocar diversas reações, podem apoiar os negócios do estado [...]”. No decorrer dos resultados I e II procuramos demonstrar muita clareza neste aspecto, no sentido de analisar como e de que forma se deu este apoio, ou seja, essa apropriação simbólica tanto nos Jogos Olímpicos de 1936 como na Copa do Mundo de Futebol de 1970 no contexto do Brasil. As referidas ações simbólicas desses eventos esportivos apresentam como recursos os meios de comunicação e informação na forma de poder simbólico cuja instituição paradigmática analisada aqui é principalmente a mídia que se manifesta pelos cartazes de época, radiodifusão, televisão, e manuscritos.

3.1 Esporte como espetáculo

Desde a Grécia antiga, com advento dos Jogos Olímpicos o esporte vem se modificando de acordo com o comportamento, costumes e tradições da sociedade que o produz e vivencia. Para alguns autores clássicos o esporte tende a reproduzir fielmente o modelo sociopolítico e cultural da sociedade na qual está inserido, na Inglaterra do século XVIII, por exemplo, vivia-se uma conjuntura política de certa forma violenta e dentro deste cenário havia uma prática com características de jogo e esporte denominado “caça à raposa” que consistia literalmente na caçada a este animal quando homens o perseguiram em cavalos na companhia de vários cachorros, ao final do feito erguia-se o troféu, que era a própria raposa morta pelas armas de fogo ou dilacerada pelos cachorros.

Mas o fato é que os ditos jogos populares foram desaparecendo na proporção em que o processo de industrialização e urbanização crescia, isso se deu principalmente na Inglaterra em meados do século XVIII (BRACHT, 2005). A interpretação que se faz é a de que no surgimento da revolução industrial a sociedade se modificou culturalmente e esses jogos já não se encaixavam mais naquela geração que passou a ter um estilo de vida que se dividia em trabalho e o “tempo livre” do trabalho. Sendo assim, os jogos populares começam a apresentar características do esporte moderno propriamente dito como a competição, rendimento físico e técnico, racionalização e conscientização do treinamento (GUTTMANN, 1979).

Também neste sentido, o esporte começava a apresentar seus graus de diferenciações com relação à suas características e objetivos como por exemplo, o esporte com objetivo de lazer, ou seja, praticado no “tempo livre” com predominância do aspecto lúdico e com caráter desinteressado. Nesta manifestação certamente podemos incluir o denominado esporte amador, no entanto, ele pode vincular-se também ao esporte de alto rendimento, pois este tipo de expressão esportiva serve como modelo para o amadorismo, neste sentido Bracht (2005, p. 15-16) afirma que:

O conceito de esporte parece precisar dar conta de atividades, que pelo seu grau de diferenciação, estão a exigir adjetivações do tipo: esporte de alto rendimento ou de rendimento, esporte de lazer, esporte educativo etc Embora reconhecendo que a multifacitude do fenômeno esportivo hoje solicite uma abordagem mais diferenciada ou complexa, vamos-nos valer aqui de um esquema dual: a) Esporte de alto rendimento ou espetáculo; b) Esporte enquanto atividade de lazer.

Temos que considerar que esse modelo dual o qual se refere Bracht (2005) pode ser um modo de explicação das diferenciações entre o esporte de alto rendimento e de lazer, mas devemos não considerá-lo como uma total polarização, já que o modelo de alto rendimento influencia de certa forma as manifestações esportivas no contexto do lazer.

O fato é que o esporte se profissionalizou muito e hoje ele é visto como uma mercadoria transformando-se em espetáculo vendido pelas mídias televisivas de toda parte do mundo. O chamado esporte espetáculo ou rendimento como mercadoria tende a incorporar as características do setor produtivo privado, desta forma, pode-se pontuar algumas características como a busca incessante por bons resultados, planejamento, equipe multiprofissional etc. Com isso, atualmente alguns clubes de futebol por exemplo, são verdadeiras empresas que gerenciam orçamentos milionários como folha de pagamento de jogadores famosos, manutenção de infraestrutura esportiva, viagens nacionais e internacionais e por aí vai. Segundo Bracht (2005):

[...] podemos dizer que o esporte de alto rendimento ou espetáculo, aquele imediatamente transformado em mercadoria, tende, a nosso ver, a assumir (como já acontece em maior escala em outros países, como nos EUA) as características dos empreendimentos do setor produtivo ou de prestação de serviços capitalistas, ou seja, empreendimentos com fins lucrativos, com proprietários e vendedores de força de trabalho, submetidos às leis do mercado. Isso se reflete nos apelos cada vez mais frequentes à profissionalização dos dirigentes esportivos e na administração empresarial dos clubes (empresas) esportivos (p. 18).

Na verdade, hoje em dia, há muitas discussões no campo científico sobre a temática, pois o esporte espetáculo está, de fato, muito presente em nosso cotidiano, sobretudo no gênero da assistência no campo do lazer com os milhares de telespectadores que acompanham os canais pagos de esportes, estes movimentam cifras milionárias por conta da alta audiência e investimentos dos diversos patrocinadores. Para Digel (1986 apud BRACHT, 2005, p. 17), há uma massa extremamente consumista que financia uma parcela do esporte espetáculo; possivelmente isto se dá não só pela assinatura dos canais esportivos, mas também na compra de produtos de empresas famosas que patrocinam os principais clubes esportivos, dentre estes pode-se citar, por exemplo, os uniformes oficiais, camisetas de treino, bolas e diversos outros materiais, contendo o escudo do clube e a logomarca que patrocina a equipe esportiva.

Apesar das formas de esporte educacional e o vivenciado no contexto lazer tomar como modelo o esporte de rendimento ou espetáculo, há de se ressaltar aqui suas principais diferenças como a questão de trabalho e não-trabalho, geralmente a

atividade é de natureza laboral para os integrantes do meio esportivo de alto rendimento e a prática das atividades físicoesportivas e a assistência se dá no tempo disponível, estando presente o componente lúdico e o caráter desinteressado que caracteriza a vivência do lazer. Outra importante diferença está na questão da sociabilidade, Marcellino (2003) propõe a intervenção no âmbito do lazer com finalidade de transformação social, ou seja, o lazer deve ser vivenciado de maneira crítica e criativa no sentido de despertar nas pessoas uma consciência política que leve à reivindicações de melhores espaços públicos para a prática das atividades do âmbito do lazer, investimentos em transporte, em profissionais e recursos humanos que possam realizar uma orientação esportiva, redução de jornada de trabalho para um maior tempo disponível etc.

Talvez o maior problema acerca da questão midiática, do esporte espetáculo e suas relações com o esporte vivenciado no âmbito do lazer esteja focado na suposta passividade dos telespectadores, no entanto, para Dumazedier (1976), a atividade referente ao lazer, não é necessariamente passiva ou ativa, isto dependerá da atitude individual que cada um assumirá perante as atividades, ou seja, o dito “ouvinte” de uma rádio ou espectador de algum espetáculo artístico pode ter sim um senso crítico, seletividade, compreensão e sensibilidade diante do que está sendo exposto. Em contraponto, um indivíduo considerado ativo pelo fato estar praticando uma atividade físicoesportiva, por exemplo, pode não ter esta mesma capacidade.

Com aumento da violência principalmente nos grandes centros urbanos a tendência do lazer contemporâneo é a de que este se restrinja ao espaço das residências das pessoas, isso pode limitar demasiadamente a qualidade das atividades realizadas no âmbito do lazer, sobretudo no quesito sócio-cultural, uma vez que “[...] propicia a formação de um público cativo da televisão” (MARCELLINO, 2001). Para o autor supracitado a partir daí se forma o cenário para a extinção das demonstrações culturais populares espontâneas e originais.

É notadamente através desse veículo que os padrões dos grandes centros, em especial do eixo Rio-São Paulo, vêm sendo impostos a todo o país, em virtude do surgimento das redes, alternativa econômica para a produção. Esse fato, aliado a outros, como o crescente processo de urbanização, vem contribuindo para o desaparecimento de manifestações culturais autênticas, nos vários gêneros, notadamente das festas, tanto lúdico religiosas como lúdico folclóricas (*Ibidem*, p. 70).

O autor deixa claro que, a referida extinção tem como causa uma situação multifatorial em que se destaca o sistema urbanístico das cidades e a conseqüente privação dos indivíduos de um lazer mais abrangente. Neste sentido, os programas de televisão acabam se tornando a alternativa mais acessível e conveniente para a

população em geral, tanto nas classes mais carentes como nas de maior poder aquisitivo. Dentre os principais motivos que levam uma parcela heterogênea da sociedade ao consumo do lazer como produto midiático e esporte espetáculo, podemos citar (além dos já mencionados aqui), a questão do tempo disponível das pessoas estar cada vez mais escasso, o fato de não haver um transporte público de qualidade e mais acessível e também a insuficiência das políticas públicas voltadas para a cultura popular.

Na trajetória percorrida pelo esporte até os dias atuais é fato que, o elemento crítico político esteve exposto continuamente, havia uma vertente de cunho marxista que enxergava no esporte de rendimento, competitivo ou espetáculo uma concepção capitalista que serviria de instrumento para atender o mercado financeiro (como se manifesta atualmente), neste sentido, houveram organizações e movimento contrários ao “esporte competitivo burguês” (denominação atribuída por essas organizações na época ao esporte espetáculo), pois para estes movimentos o esporte devia ter o caráter democrático e atender à cultura corporal proletária. Para Bennett (1982, p. 49):

[...] os princípios da competição, do rendimento e do record. A negação do princípio da competição é entendida como decisivo para uma cultura corporal proletária. O esporte competitivo burguês é atacado genericamente como um espelho e instrumento da economia capitalista. Nesta visão, a racionalização das técnicas esportivas aparece como paralela ao sistema capitalista.

O autor supracitado procura pontuar as principais críticas ao esporte competitivo burguês e destaca como ponto central da oposição, o não alinhamento deste tipo de esporte aos anseios da classe operária que tinha por “princípio orientador a solidariedade de todos os trabalhadores” (*Ibidem*, p. 51).

Alguns autores clássicos também apontaram críticas ao esporte competitivo moderno no sentido de que este tende a suprimir a espontaneidade e, principalmente, o componente lúdico característico de qualquer jogo e que se faz bem presente no amadorismo. Segundo Huizinga (1980, p. 218) “esta sistematização e regulamentação cada vez maior do esporte implica a perda de uma parte das características lúdicas mais puras.” Na verdade fica a impressão de que o esporte, ao mesmo tempo que se aproxima e acompanha a produção cultural da sociedade capitalista moderna, se distancia dela na medida em que corrompe o gesto espontâneo e suprime a manifestação cultural autêntica.

Ainda com referência à discussão sobre os movimentos e as organizações que se apresentaram como resistência ao esporte espetáculo, pode-se entender que o esporte desde então vem se transformando em disputa e interferência política, na verdade não poderia ser diferente uma vez que se trata do maior fenômeno

sócio-cultural produzido pela humanidade. Para Linhales (2001, p.34) “[...] o esporte como instituição social encontra-se politizado”; segundo a autora, no momento em que o esporte espetáculo ou de alto rendimento é visto como forma de distribuição de poder e produto lucrativo ele “põe em evidência o fato de que, nessa esfera, o dilema da convivência política também possui expressão e relevância”.

Obviamente que o esporte construiu sua legitimidade ao longo do tempo e hoje se encontra presente nas mais diversas formas de regime político. Por conta do seu viés militar (desde a Grécia antiga), o esporte, sobretudo no que se refere aos métodos ginásticos e de aptidão física, foi muito incentivado pelos regimes ditatoriais como por exemplo na ditadura brasileira, onde houve grande investimento em infraestrutura como construção de ginásios poliesportivos e campos de futebol. E aqui, é válido lembrar da fala de Linhales (2001), quando a autora cita a “conveniência política”, ou seja, nos regimes ditatoriais há, de fato, um interesse em que a nação tenha corpos saudáveis para que se tenha um exército forte e o esporte é útil neste sentido.

A referida “apropriação política” do esporte como publicidade dos governos é o ponto central da discussão do texto, e veremos adiante que algumas de suas facetas principais (nos eventos esportivos aqui analisados) é a utilização da imagem positiva da seleção brasileira de futebol tricampeã mundial, como forma de auto afirmação do regime ditatorial e também como desvio das atenções da população para o grave problema social pelo qual passava o país (período de maior censura e repressão do regime conhecido como anos de chumbo). Por outro lado, a Alemanha nazista de 1936 entendeu nas olimpíadas uma forma de mostrar ao mundo o poder do novo país que renascia após o fracasso da 1ª Guerra Mundial e, neste caso, o esporte teria sido usado com fins militares e fascistas. Neste sentido, Bennett (1982, p.25) aponta que:

O esporte-espetáculo é utilizado como meio para desviar a atenção das massas da luta de classes e como fuga da realidade política. Com relação ao esporte nas fábricas, alertava-se contra a introdução de uma nova "arma" para a disciplina dos trabalhadores; esporte "burguês" a serviço do militarismo e do fascismo. O esporte burguês é dominado pelo capitalismo que fomenta o militarismo e o fascismo.

Um outro importante exemplo (e que também é objeto de estudo deste trabalho) é o caso da conveniência política revelada como forma de propaganda difundida por meio do esporte, dessa forma, o Estado se utilizaria da promoção social de uma equipe esportiva ou dos seus melhores atletas para divulgar uma ideologia que nem sempre pode ser a mais sensata ou ética (DUMAZEDIER, 1980). Contudo, ao propormos como tema desta pesquisa “o esporte como propaganda política” essa é uma questão que será mais aprofundada nos tópicos seguintes.

4 RESULTADOS II

A DIFUSÃO DO ESPORTE PELA MÍDIA E A PROPAGANDA POLÍTICA NO CONTEXTO DA ALEMANHA DE 1936

4.1 Esporte e Mídia na Alemanha de 1936: As Olimpíadas e a Ideologia Nazi

O cenário de divulgação esportiva pela mídia na Alemanha de 1936 estava inserido dentro de uma propaganda política eficaz e competente do partido nazista que chegara ao poder em 1932 e, certamente, não seria tão somente um simples segmento de publicidade daquele regime totalitário de governo, mas sim uma estratégia marcante e fundamental onde Hitler pretendia provar empiricamente para o mundo a superioridade de uma suposta raça ariana, a qual pertenceriam os alemães, prevendo no esporte e posteriormente nos Jogos Olímpicos – dos quais a Alemanha seria a futura sede – uma conjuntura ideal para colocar em prática a ideologia eugenista.

Os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim representaram um verdadeiro marco na história esportiva mundial, tanto na referência da utilização do esporte para fins de propaganda político-ideológica como na capacidade de organização, cobertura midiática do evento e preparação dos corpos do povo alemão para a guerra. A obsessão pelo suposto pertencimento à raça ariana que sugere um corpo perfeito, belo e saudável – bastante presente na ideologia nazista – remete ao imaginário de que a sociedade da nova Alemanha que surge após a 1ª guerra mundial deve ser um produto deste corpo. Sobre a sociologia dos corpos Le Breton (2007) salienta que:

[...] ao invés de fazer da corporeidade um efeito da condição social do homem, essa corrente do pensamento faz da condição social o produto direto do corpo. Trata-se de submeter à primazia do biológico (mais ainda de um imaginário biológico) as diferenças sociais e culturais, de naturalizar as diferenças justificando por observações “científicas”: o ângulo facial, a fisionomia, a frenologia, o índice cefálico, etc. Procura-se por meio de numerosas medidas as provas irrefutáveis do pertencimento a uma “raça” (LE BRETON, 2007, pg.17).

Neste caso, se percebe uma certa relação da teoria do autor supracitado com o discurso Hitlerista de pertencimento a uma raça, dita superior, e esta ideia, seria a base de sustentação da propaganda político-ideológica do partido nazista durante todo o período do regime. A difusão de uma ideologia dominante pela mídia, que é composta por elementos como valores e crenças, e que, por sua vez, devem ser devidamente partilhados na sociedade, é peça fulcral dentro de qualquer propaganda governamental, pois isso reforçará a convicção das pessoas na veracidade dos referidos elementos (THOMPSON, 2011).

Neste sentido, a propaganda difusora da ideologia do regime nazista foi muito bem elaborada, notavelmente na indústria cinematográfica, sendo produzidos nada menos que 1.300 filmes/documentários durante o período em que o partido esteve no poder, e *Olympia*, (versão cinematográfica dos Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim, feito por Leni Riefenstahl), destaca-se pela exaltação e culto ao corpo forte, belo e perfeito que é a figura central do longa-metragem, sugerindo uma verdadeira identidade da nação alemã que, de posse deste corpo conseqüentemente poderia ser superior às outras nações do mundo em qualquer modalidade esportiva. Este documentário também ficou marcado pelas técnicas inéditas de filmagem e transmissão esportiva que serviram de referência para as futuras coberturas televisivas dos jogos.

De fato, o corpo jamais estivera em tamanha evidência como no regime nazista, a avaliação que se faz é de que corpos fortes, saudáveis e obedientes seriam úteis aos interesses do regime nazista e *Olympia* traduz muito bem isso quando faz analogias sugerindo que um corpo disciplinado para o esporte, também poderia estar preparado para a guerra iminente, haja visto a corrida armamentista do país após a ascensão do então partido nacional socialista dos trabalhadores alemães (partido nazista) ao poder. Neste sentido a ideologia eugenista de Hitler nos remete à ideia de reprodução social de Thompson (2011, p. 118) onde o autor salienta ser uma das funções do Estado difundir a doutrina dominante agindo em benefício dos interesses próprios:

[...] consiste na ideia de que a reprodução e a difusão da ideologia dominante é uma das tarefas do Estado, ou das agências particulares e dos oficiais do estado. Ao desempenhar essa tarefa, o estado age de acordo com os interesses de longo prazo da classe ou das classes que mais se beneficiam das relações sociais existentes – isto é, ele age de acordo com os interesses de longo prazo da classe ou das classes dominantes.

Para difundir uma ideologia base de um regime governamental como da Alemanha de 1936, seria fundamental o uso de veículos de comunicação em massa¹ como a televisão, que pela primeira vez transmitiria uma Olimpíada (ainda que somente para quem estava em Berlim) e, principalmente, do rádio que era a mídia muito utilizada na época, possuindo grande alcance popular. Esses meios eram usados pelos nazistas notavelmente para transmissões dos discursos de Hitler para todo o país.

¹ O termo mais usado atualmente é mídia.

Segundo Thompson (2011, p 205.), dentre algumas das características das várias modalidades da comunicação de massa, “podemos citar a circulação pública de formas simbólicas sob os aspectos: natureza e objetivo da audiência, modos de apropriação e formas de regulamentação e controle”. Neste sentido, a propaganda do regime nazista visava a difusão da forma simbólica do corpo ariano como modo de apropriação do povo alemão e também como forma de controle do estado. É fato que os veículos de comunicação de massa tendem a reproduzir a cultura da sociedade a qual está inserido, no entanto, o regime nazi tinha em mãos o controle de toda comunicação de massa do país e claramente usava sempre a seu favor.

Não é muito difícil de se perceber o caráter emocional, e, de certa forma, até apelativo, inseridos nas propagandas das mídias, e essa característica, em muito se assemelha a ações de regime governamentais populistas e totalitários – como na Alemanha em 1936 – que costumam estimular o lado emocional das pessoas, talvez com a intenção de conquistar a confiança e admiração das mesmas, isso sugere a grande afinidade do Estado com a indústria cultural, sobretudo, quando se tem o controle completo destas, dessa forma, Vaz (2006, p.30) ressalta que “[...] é no plano dos afetos, nas *inervações inconscientes* (Adorno, 1997c, p. 158), que operam os governos populistas, ditatoriais e totalitários, e é por aí que eles encontram a indústria cultural”.

Com isso, por se destacar com uma técnica apurada e muito competente, *Leni Riefenstahl* se tornou a cineasta oficial do regime nazista, onde conseguira transformar uma simples reunião partidária (conferência do partido nacional socialista alemão, partido nazista) em um filme documentário (*Triunfo da Vontade*) em que, ao invés de a política em si ser documentada, foi transformada em uma verdadeira obra de arte. Sendo assim, *Riefenstahl* apresenta ao mundo um paradigma de propaganda política moderna e também de transmissões televisivas com o já citado Olympia – Festa dos Povos, Festa da Beleza (VAZ, 2006). Olympia, sem sombra de dúvidas, desperta muito o estado emocional do povo alemão quando destaca os aspectos simbólicos da propaganda ideológica nazi, sugerindo o corpo ariano perfeito, belo, forte e saudável; a liderança da Alemanha no quadro de medalhas e a saída em cortejo da tocha desde a cidade grega de Olympia até Berlim (fato inédito na história dos Jogos Olímpicos).

A década de 1930 ficou caracterizada pelo fenômeno de massa que surgia no campo esportivo, com os eventos esportivos denominados atualmente de “megaeventos esportivos”, tais como Olimpíadas e Copa do Mundo de Futebol, que atraíram milhares de pessoas aos estádios. Os esportes se apresentavam cada vez mais ao mundo com um viés de espetáculo, competição e política; nesta época,

denominada por Salun (2012), de “era dourada dos esportes”, as imprensas escritas como os jornais, por exemplo, começam a se especializar na intenção de atrair o público esportivo. “[...] surgiram jornais especializados em assuntos esportivos e que vendiam milhares de exemplares, como o “Der Kicker”, na Alemanha, o “Gazetta dello Sport”, na Itália e o “Lê miroir dês Sports”, na França” (SALUN, 2012, p. 7).

Os meios de comunicação de massa como jornais, rádio e TV tornam-se imprescindíveis para os objetivos de um Estado que desejava disseminar uma ideologia para milhares de pessoas, incluindo as localidades mais longínquas como o meio rural. Neste período da história, boa parte da população era de camponeses. Thompson (2011), aponta que “as instituições e processos de comunicação de massa assumiram uma importância tão profunda nas sociedades modernas que nenhuma teoria da ideologia e da cultura moderna pode dar-se ao luxo de ignorá-las” (THOMPSON, 2011, p. 113). Além do sistema de comunicação de massas, a escola e a família foram outros aparelhos ideológicos bastante utilizados pelos nazistas. No que se refere à escola, segundo o discurso Hitlerista (2005, p. 232), “O Estado do povo não deve ajustar todo seu trabalho educacional para a inoculação de mero conhecimento em primeiro lugar, mas sim para o treino de corpos absolutamente saudáveis. O treinamento de capacidades mentais é apenas secundário”.

Fica claro no discurso de Hitler a maior importância atribuída ao corpo saudável em detrimento de uma educação intelectual que seria tratada de forma secundária dentro da Juventude Hitlerista (instituição educacional ligada diretamente a Hitler), isso, sem dúvida, é uma característica que marca qualquer regime fascista e totalitário de poder no sentido de uma educação efetiva, ainda que em sentido negativo ao desenvolvimento da criticidade e da autonomia dos sujeitos, toda a obsessão pelo corpo estaria ligada à ideia da formação de um exército jovem e forte – baseando-se em um argumento higienista e utilizando o esporte como um bom pretexto – que diante de uma possível guerra pudesse legitimar o ideário de supremacia racial alemão exercendo seu domínio sobre as outras nações do mundo. Sobre propaganda política e mídia, Salun (2012) destaca que, os nazistas não foram os pioneiros a constatar a faculdade dos esportes como fenômeno social, e na propaganda, foram um dos que melhor exploraram essas dimensões no universo político da época. Com o objetivo de demonstrar a superioridade ariana, não pouparam esforços ao sediar os Jogos Olímpicos de 1936, dos quais participaram quarenta e nove países e aproximadamente quatro mil atletas. Este evento foi o primeiro a receber filmagens para transmissão em televisão, com aparelhos instalados em teatros pela cidade para ser acompanhado pela população.

Há tempos que o esporte como instituição social se encontra totalmente politizado (LINHALES, 2001). No contexto da Alemanha de 1936 o esporte já se apresentava como um lugar onde coexistiam interesses variados e potencialmente antagônicos, como um Estado que se utilizava de um evento considerado uma verdadeira festa de todas as nações das várias etnias e de gênero, para transformá-lo em um palco de propaganda ideológica racial e de combate simulado ou “guerra eufemizada”.

Como forma complementar ao que Linhales (2001) denomina de “interesses potencialmente antagônicos”, Bracht (2003, p.58) destaca que “Um Estado que privilegia em grande medida o esporte de alto rendimento ou espetáculo, certamente não espera com isso melhorar significativamente o nível de saúde de sua população”. A analogia que se faz com as “Olimpíadas Nazistas” é de um regime político que faz uso do esporte para fins de uma propaganda política extremista e totalitária. Este contraste entre os valores do espírito Olímpico e os objetivos dos nazistas para com os jogos é bem evidenciado em uma fotografia de um painel (figura 01) com a frase do idealizador dos Jogos Olímpicos da era moderna, Pierre Coubertain, mais conhecido como Barão de Coubertain, tirada dentro do Estádio Olímpico de Berlim durante os jogos com os seguintes dizeres:

“Que a Tocha Olímpica siga o seu curso através dos tempos para o bem da humanidade cada vez mais ardente, corajosa e pura”.

Figura 01



Figura 01(Estádio Olímpico de Berlim 1936)

A célebre frase de Coubertin, nos remete a uma ideia de que a tocha olímpica significa os Jogos Olímpicos propriamente ditos e que estes devem continuar sendo realizados ao longo do tempo para o “bem” da humanidade, pois propõem a união e integração entre os povos. Isso irá se tornar extremamente contraditório num futuro muito próximo, pois quatro anos depois os jogos deixariam de ser realizados por conta do início da Segunda Guerra Mundial com a invasão da Polônia pelos nazistas que, além de usarem as Olimpíadas de 1936 como instrumento propagandístico, impediram a realização dos próximos Jogos Olímpicos, dando início a guerra.

Dessa forma, parece claro entender que, de fato, o regime nazista realizaria os Jogos com um olhar modificado do que até então já havia sido proposto e neste sentido quando nos deparamos com a questão do racismo pode-se dizer que houve uma desconstrução nos aspectos dos valores e dos objetivos deste evento. A seguir será discutido a propaganda bem como as técnicas utilizadas e também a aproximação do esporte com a guerra sugerida pelo nazismo.

3.2 A Propaganda Estratégica e Associação do Esporte com a Guerra

Segundo Elias (1952), o desporto reproduz (ainda que a violência explícita não se faça presente) as linhas político-ideológicas por meio do processo de civilização dos costumes da sociedade em que está inserido. Por conseguinte, as Olimpíadas ao se tratar de um grande evento esportivo internacional, se apresentava como o palco ideal para a difusão ideológica já mencionada. “Os campeonatos internacionais substituiriam a guerra real, produzindo para um grande número de pessoas no mundo globalizado guerras eufemizadas e sem mortes” (GLEYSE, 2006). Neste sentido, é provável que os atletas germânicos incorporados deste sentimento nacionalista, deveriam demonstrar todo seu esforço, compromisso e disciplina para com a pátria alemã; eles tinham que ser os melhores buscando um alinhamento com a teoria de supremacia da raça ariana em detrimento dos não arianos que tinham como meta a busca obcecada pela vitória dentro de uma “guerra eufemizada”.

Uma das principais características, senão a principal, do governo nazista, foi sem sombra de dúvidas a publicidade agressiva. Joseph Goebbels, um aspirante a escritor que obteve o título de Doutor em Filosofia pela Universidade de Heidelberg, quando se filiou ao partido nazista em 1924, demonstrou afinidade em lidar com a propaganda e por meio desta visava uma maior projeção da instituição e sua ideologia. Neste período Goebbels já se fazia valer de técnicas como o treino da oratória, decoração com várias bandeiras em dias de discursos na sede do partido e chegar atrasado intencionalmente para causar maior impacto etc. (SHIRER, 2008).

Um episódio que se destaca e foi usado como instrumento de propaganda está relacionado com o assassinato de Horst Wessel, um membro do partido cuja morte foi atribuída aos comunistas, onde Goebbels se aproveitou da situação para associar uma imagem extremamente negativa do comunismo, sugerindo o contraste com um partido nazista tolerante e pacífico que pregava o ressurgimento do orgulho alemão que havia sido severamente ferido pelas imposições do “Tratado de Versalhes” o que pode ter ajudado na admiração e apoio popular (MASSON, 2015).

Quando chegou ao poder em 1933, Goebbels logo assumiria o Ministério da Propaganda no governo de Hitler e rapidamente obteve o controle de toda a imprensa, instituições de arte e informação. A partir daí a Alemanha vivenciaria uma verdadeira avalanche propagandística político ideológica, e de certa forma até mesmo invasiva, tal qual era sua abrangência. O veículo de informação mais usado, com o objetivo de atingir as massas, sem dúvida foi o rádio, sendo que, através

deste, os discursos de Hitler eram transmitidos para os quatro cantos do país incluindo residências, indústrias e fábricas etc., também eram usados autofalantes pelas ruas das cidades (MASSON, 2015).

Os discursos feitos por Hitler – que possuía um notável dom oratório – em Berlim, transmitidos através do rádio como citado anteriormente, faziam parte de um verdadeiro ritual e que diversas vezes perduravam por horas a fio prendendo a total atenção das massas que parecia estar em estado hipnótico e de encantamento originário de alguma magia. Para Mauss (2013, p. 64):

[...] os ritos orais mágicos são geralmente designados pelo nome genérico de encantações, sendo que, chamamos mágico o indivíduo que efetua atos mágicos, mesmo quando não é um profissional, caracterizado por dons oratórios e gestos bruscos em quem toda uma sociedade crê, estando relacionado com fatos de tradição e repetição ritual característica

De fato, os dons oratórios de Hitler acompanhados de seus gestos notavelmente o mais famoso de todos eles, a elevação do braço direito, fascinava a maioria do povo alemão que acreditava piamente na sua ideologia. É evidente que tanto Goebbels como Hitler entreviram o discurso como uma forma eficaz de poder sobre as massas, tanto que se apropriaram de técnicas para usá-lo com maior propriedade e eficiência, não só durante a escalada para o alcance deste poder, mas também para que ele fosse mantido em suas mãos. Neste sentido, Foucault (1996) aponta que “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder”. Ressaltando que “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta o poder do qual nós queremos apoderar” (p.54).

Hitler destaca que a propaganda deveria ser de fácil compreensão devido à inteligência limitada das massas, desta forma não poderia perder-se em abstrações, mas focar em algo bastante concreto e, para tanto, era necessário ser específico. Isso poderia certamente resultar em um claro entendimento e consenso de todo um povo sobre as ideias e valores difundidos pelo regime. Goebbels chegou a dizer que “uma mentira dita mil vezes torna-se verdade”. Nessa lógica, um homem que faz uma alegação específica, ou está dizendo a verdade ou uma mentira (HOPKINS, 1966). Ora, ninguém esperava que o *Führer* propagasse uma mentira. Tudo isso fazia da propaganda nazista, onde se fazia necessário ter técnica, perícia e conhecimento para utilizar-se dos equipamentos e veículos de comunicação.

Outro meio utilizado para difundir o ideário nazi foi a indústria cinematográfica que funcionou a todo vapor durante os 12 anos em que o partido esteve no poder.

Como foi dito anteriormente, foram produzidos aproximadamente mais de 1.300 longa metragens, e, em todos eles, apesar das diferenças de gênero, havia fins propagandísticos. O surgimento de indústrias de entretenimento como empresas capitalistas, como por exemplo, a cinematográfica e a rádio difusora, resultaram na padronização e na racionalização das formas culturais, e esse processo, por sua vez, atrofiou a capacidade do indivíduo de pensar e agir de forma crítica e autônoma (THOMPSON, 2011). Contudo, ao fazermos uma analogia entre o que preconiza este autor e o contexto da Alemanha nazista de 1936, deve-se levar em conta que a capacidade do povo foi, na verdade, conformada por elementos simbólicos de modo a atingir uma finalidade de propaganda. Joseph Goebbels dizia que a utilização do cinema é “um dos meios mais modernos e científicos de influenciar as massas com efeito penetrante e durável”. A versão cinematográfica feita para os Jogos Olímpicos de 1936, *Olympia*, destacou-se como sendo um diferencial dos filmes das propagandas antissemitas, sugerindo um corpo ariano perfeito, belo e saudável que estava pronto não só para os jogos, mas também para uma possível guerra, como afirma Lenharo (1986):

Olympia, consagrado aos Jogos Olímpicos de 1936, é muito mais que um simples documentário – é um hino de exaltação à Alemanha nazista, através da glorificação da força física, da saúde e da pureza racial, miticamente fotografadas. Foram necessários 800 mil metros de filme rodados para mostrar, através do sacrifício individual de cada atleta, como essa força e essa energia forjavam a nação, aceitas pelo sacerdote intermediário, o *Führer*. (p.60).

Por mais que *Olympia* fosse um documentário cujas características são bem peculiares, a propaganda do regime que continha, era explícita, como por exemplo, em uma das cenas em que aparecem vários corpos arianos nus de alemães correndo, passando por obstáculos naturais como arbustos, rios e lagos. A interpretação simbólica que se faz, é a de que o modelo de corpo germânico significava o ápice da pirâmide racial, sendo forte e destemido o bastante para superar qualquer obstáculo que surgisse, e, que não estaria só, mas estrategicamente unido junto aos seus pares na busca de seus objetivos.

O filme, através de efeitos tecnológicos inéditos para a época, como os recursos de câmera lenta e sobreposição de imagens, enfatiza elementos simbólicos importantes – os quais serão mais aprofundados adiante – que caracterizaram o uso das Olimpíadas como propaganda político ideológica do nazismo, dentre eles podemos citar: o cortejo/revezamento da tocha olímpica que pela primeira vez saíra da Grécia com destino ao país sede dos jogos, sugerindo a união do povo alemão em prol de um objetivo comum: a glória da Alemanha!; A saudação gestual ao

Führer, num movimento de elevação e extensão do braço direito em sua direção – que inclusive foi realizada até mesmo por atletas de outras nações como Grécia e Itália durante a cerimônia de abertura; A divulgação inédita do quadro de medalhas como a Alemanha em primeiro lugar geral; O destaque ao pódio e a entrada da delegação Alemã na cerimônia de abertura com a bandeira do partido nazista que fora oficializada em 15 de setembro de 1935, como única bandeira nacional da Alemanha em substituição à bandeira oficial tricolor e também os uniformes e medalhas confeccionados e gravados o desenho da suástica.

Contudo, sem sombra de dúvida, o episódio marcante dos jogos foi o desempenho do atleta norte americano Jesse Owens que conquistou 4 medalhas de ouro na modalidade de atletismo nas provas dos 100m, 200m, revezamento 4 x 100m e salto em distância onde venceu o atleta alemão Lutz Long, considerado imbatível nesta modalidade. Este feito, de certa forma, frustrou os planos nazistas de supremacia racial, pois Jesse Owens era negro e, portanto, considerado pela ideologia do regime como sendo de uma raça inferior. A mídia mundial e, principalmente, a americana veiculou de forma incisiva que Hitler ficara extremamente contrariado, vindo a se retirar do estádio Olímpico recusando-se a cumprimentar Owens. No entanto, existem também relatos de que toda essa polêmica seria um mito uma vez que o que de fato teria acontecido foi que um representante do Comitê Olímpico Internacional (COI) teria orientado Hitler no sentido de que ele não mais deveria fazer as premiações e cumprimentar os atletas no pódio, tanto que na sequência ele não mais o fizera, nem mesmo para muitos atletas alemães que se sagraram campeões.

E já no apagar das luzes e também de forma inédita, a organização dos jogos divulgara de forma notável o quadro de medalhas olímpico com a Alemanha em primeiro lugar num total de 34 medalhas de ouro, 26 de prata e 30 de bronze, ficando os Estados Unidos em segundo lugar, sugerindo que o corpo ariano, de fato, sobressaiu-se sobre os demais e “venceu os jogos”. Dumazedier (1986, p. 116) faz uma crítica a essa postura do Estado que se utiliza de atletas como veículo de propaganda:

O Estado se utiliza da promoção social, dos profissionais do esporte (que emergem do lazer esportivo e das competições amadoras) apenas por tê-la conferido aos que consideram melhores; sendo que estes são usados como agentes de publicidade para o país, confinando sua liberdade e transformando-os em instrumentos para defender uma posição política que nem sempre pode ser a mais sensata e digna.

Mas o fato é que apesar de Owens ter de certa forma atrapalhado a propaganda de superioridade racial ariana, Hitler havia alcançado seu objetivo macro com a liderança da Alemanha no quadro geral de medalhas e, certamente em seu imaginário teria, dessa forma, comprovado empiricamente a supremacia racial reivindicada pelo nazismo. Entretanto, sabemos tratar-se de uma situação que requer uma análise contextual na qual os grandes investimentos na preparação e todo o suporte oferecido aos atletas germânicos provavelmente foram decisivos para o feito.

O advento da denominada “indústria cultural” termo utilizado por Horkheimer e Adorno (2005), para se referirem a mercantilização das formas culturais ocasionadas pelo surgimento das indústrias de entretenimento na Europa e nos Estados Unidos no final do século XIX e inícios do século XX acabou por limitar o instinto de criticidade e independência das pessoas, isso se deu em decorrência de uma restrição de originalidade e limitação das classificações culturais. Neste sentido, para Thompson (2011):

O desenvolvimento da indústria cultural, e da cultura do consumista de modo geral, ocasionou, conseqüentemente, a incorporação dos indivíduos numa totalidade social racionalizada e reificada; frustrou sua imaginação, extinguiu seu potencial revolucionário e tornou-os vulneráveis à manipulação por ditadores e demagogos. Aqueles que foram arrastados pela retórica do nazismo e fascismo são os que já sucumbiram sob as pisadas da indústria cultural (p.134).

Esta passagem do autor traduz muito bem o cenário vivenciado pelas pessoas no contexto da Alemanha em 1936, pois a propaganda política nazista, ao ser veiculada pela referida indústria cultural foi extremamente eficaz na conquista de um dos seus objetivos maiores que era a manipulação e limitação da capacidade crítica e de autonomia dos pensamentos da população que já se encontrava totalmente sucumbida aos efeitos da indústria de entretenimento, notavelmente a cinematográfica que, como citado, foi muito atuante com um volume de produções impressionantes.

Com isto, o esporte e sua conseqüente propagação midiática, eram de fato um reconhecido e importante fenômeno social por parte da liderança política da época, no entanto, situava-se apenas dentro de uma visão funcionalista e utilitária, dotado de um grande alcance social que seria conveniente para atender aos interesses do governo, pois, contemplava o corpo que era o centro das atenções e principal patrimônio simbólico nazista. E este corpo, também seria uma peça fundamental para a construção de um exército forte, haja visto que o país preparava-se para a guerra. Para Mostaro (2012), este corpo treinado e criado pelo Estado devia servi-lo

e vencer por ele, para vangloriar seu nome e legitimar a sua supremacia. Havia uma predominância dos valores coletivos em detrimento dos preceitos individuais no entendimento de que somente por meio da união a Alemanha ressurgiria forte após o aniquilamento físico e moral da derrota na Primeira Guerra Mundial, a partir daí então a propaganda nazista faz uma relação entre o sacrifício do atleta alemão com o sacrifício humano dentro de uma guerra, explorando uma tradição de que morrer no campo de batalha era uma honraria para qualquer antepassado germânico. Assim, Hitler conseguiu atrair os jovens para o Exército.

No entanto, com o objetivo de atrair um número expressivo de jovens para o exército e preparar uma nação para uma guerra que se aproximava, haja vista o rearmamento do país e os discursos de Hitler que pregava o expansionismo territorial, não só era necessária e importante a implantação de uma doutrina ideológica de supremacia racial, mas também seria fundamental uma produção em série de “corpos fabricados”, e este corpo imaginado e idealizado para o combate deveria possuir características indispensáveis como força, vigor, saúde e disciplina permanecendo à disposição da doutrina nazista. Para isso, foi criada a Juventude Hitlerista (instituição oficial educativa para jovens) que estava diretamente ligada ao *Führer*, na qual os jovens deveriam se inscrever obrigatoriamente sob pena dos pais serem multados e até presos em caso de impedimento.

Foi, sobretudo por meio da Juventude Hitlerista e suas afiliadas que os nazistas trataram de formar os novos alemães do futuro. Em *Minha Luta*, Hitler já dedicara um espaço considerável para esboçar suas ideias sobre a natureza e propósito da educação no Estado racial que pretendia construir na Alemanha (EVANS, 2012 p.112).

No ano da Olimpíada (1936) essa instituição passa a controlar o monopólio de estruturas, materiais e instalações esportivas para crianças abaixo e acima de 14 anos o que de certa forma coagia ao ingresso de um maior número de membros para a referida entidade que procurava se equipar de inúmeras vantagens para atrair os jovens alemães. Próximo já da década de 1940, a Juventude Hitlerista contava com aproximadamente 8 milhões de jovens, e a Segunda Guerra Mundial já tivera seu início em 1939 com a invasão da Polônia pelas tropas nazistas. Estava pronto o seu exército, ou pelo menos boa parte dele que brevemente estaria nos fronts de batalha lutando ao seu lado.

Como vimos anteriormente, as décadas de 1920 e 1930 ficaram marcadas pelo fenômeno de massa em que se transformou o esporte e sua conseqüente difusão através das mídias, politização e interesse estatal propagandístico. A participação, e até mesmo interferência arbitrária no esporte por parte do Estado,

acabaram por se tornar um fenômeno de abrangência mundial, pois as vitórias dentro das competições esportivas mais importantes eram interpretadas simbolicamente como o poderio de uma nação sobre a outra, neste sentido:

As seleções representavam as cores da nação; uma nova identidade se criava ou reforçava, pois o século XIX assistiu a uma onda nacionalista e a um período de unificações que se estendeu ao século seguinte. Os enfrentamentos entre selecionados se tornavam arremedos de batalhas em que a honra nacional estava em jogo, e quando ocorria uma derrota vexatória, os atletas maculavam a imagem do país e podiam ser penalizados pelos governantes (SALUN, 2012, p. 4).

Para Gleyse (2006, p.4), “A partir do momento em que a linguagem se tornou autônoma do substrato corporal, transformou-se em um sistema, de alguma maneira imortal, que dita a um sistema mortal – o corpo – suas prescrições”. Dessa forma, o corpo ariano forte, saudável e belo, deveria se avultar sobre os demais e cumprir com êxito o principal objetivo para o qual fora “fabricado”: vencer. A vitória era essencial, pois seria uma prova irrefutável da supremacia deste corpo.

Os Jogos Olímpicos poderiam ser um cenário muito interessante e também propício, não somente para colocar em prática toda vaidade e revanche alemã, mas também seria um palco para reproduzir um verdadeiro confronto simulado entre a Alemanha nazista detentora dos corpos perfeitos – segundo a sua teoria de pertencimento à raça ariana considerada superior e pura – versus o restante das nações do mundo de raça inferior e não pura. Isso traduz bem a teoria de Norbert Elias (1992) quando diz: “A peça fulcral da configuração de um grupo envolvido no desporto é, sempre, a simulação de um confronto, com as tensões por ela produzidas...”.

Desde sua origem, os Jogos Olímpicos já eram usados como preparação militar por algumas cidades estados gregas, como Esparta, por exemplo, em tempo; os esportes de combate como o boxe e o pancrácio (espécie de vale tudo) já faziam parte da educação pública de jovens gregos. Na Alemanha do século XVIII, no então Império Prussiano alguns aspectos sociais e teóricos se alinhavam a certa influência cultural grega:

O Pedagogo Jahr vira na Educação Física um meio de preparação militar para enfrentamento com a França napoleônica. Chegara mesmo a fundar sociedades de ginástica, antecipando-se à iniciativa imperial prussiana de introduzir a Educação Física nas escolas, isso em 1842. Jahr recomendara a seleção de uma raça vigorosa e pura, o banimento do uso de línguas estrangeiras e a inspiração no ideal grego de cultura e civilização (LENHARO, 1986, p.12).

Isso nos revela que, a associação que a Alemanha fazia entre o esporte e a guerra vem desde o século XVIII, e, portanto, não se trata de uma ideia nova como muitos afirmam ter sido um fato inédito os Jogos Olímpicos de 1936, serem utilizados como preparação militar. Se existiu algo de insólito, talvez o que se possa dizer em relação a isso, esteja situado na difusão do esporte pela mídia da época, e nesta propagação estava inserida toda a publicidade ideológica do governo nazista que já foi aqui mencionada, ou seja, pela primeira vez na história das Olimpíadas da era moderna os esportes foram utilizados para fins nada esportivos. Dessa forma, “o esporte é transformado em espetáculo e em mercadoria a ser vendida ou usada como meio para venda de outros produtos que nem sempre estão relacionados a ele” (SILVA e SILVA, 2012, p.77). Neste caso, o “produto” era a ideologia da supremacia racial vendido pelos nazistas e comprado por uma grande parte da população que já se encontrava de certa forma ideologicamente conquistada.

Contudo, vimos que a propaganda do regime nazista foi muito bem elaborada e apresentou estrategicamente uma forte ligação entre as Olimpíadas e a ideologia de supremacia racial do corpo ariano alemão que supostamente seria superior aos demais corpos. Isso até que viria a ser confirmado com o fato da Alemanha ter conquistado um maior número de medalhas, no entanto, há de se levar em conta todo o contexto da situação inclusive a preparação e alto investimento no esporte. A seguir adentraremos na discussão dos aspectos simbólicos dos Jogos Olímpicos de 1936 que é o objeto de estudo desta dissertação.

3.3 Os Aspectos Simbólicos das Olimpíadas de Berlim 1936

Como vimos anteriormente, o símbolo maior da ideologia nazista que foi difundido nos quatro cantos do país, foi sem sombra de dúvidas o “corpo ariano”, e, como este corpo era uma criação do Estado, poderíamos dizer que era uma espécie de corpo-objeto em que os nazistas atribuíam um valor simbólico. Ele deveria servir o regime e exercer uma representação simbólica que condissesse com o discurso da raça superior ariana, que seria supostamente, a linhagem menos miscigenada, e, portanto, mais pura dos seres humanos. E este corpo, como patrimônio maior no campo do esporte, seria também aproveitado para o conflito, já que a Alemanha se preparava para a guerra; sendo assim deveria ser um corpo belo, forte, saudável e destemido como é bem retratado por *Leni Riefenstahl* em *Olympia*.

Talvez, o que se poderia dizer com relação a este corpo é que, dentro do campo de interação – uma vez que os indivíduos estão situados em determinadas posições dentro de um espaço social – ele fazia parte do capital simbólico, o qual inclui os méritos acumulados, prestígio e reconhecimento associado com a pessoa (THOMPSON, 2011). Neste caso, a associação que se faz entre o corpo ariano e a referida teoria, tenha uma maior afinidade entre o reconhecimento associado com a pessoa, e, um consequente prestígio, no sentido de que, sendo o povo alemão proprietário de um corpo considerado, por eles, puro e superior aos demais, este corpo poderia ser reconhecido pelas outras nações do mundo após serem subjugadas através da dominação, e, com isso, conquistar-se-ia o desejado prestígio. No entanto, para que houvesse uma autoafirmação, era necessário que o corpo ariano tomasse como base os recursos do capital econômico e do capital cultural, pois quem consegue reunir a maioria dos capitais detém a posse do capital simbólico (BOURDIEU, 1989). Neste sentido, para que o governo nazista pudesse legitimar este capital simbólico representado pelo corpo ariano, se fazia necessário agregar ao regime, o capital econômico, que seria a base de sustentação deste símbolo maior de propaganda política governamental que era o corpo, e, se fizermos uma análise histórica para um melhor entendimento do desenrolar dos acontecimentos, veremos que, o regime assim o fez no momento em que passa a perseguir os judeus a partir do discurso antissemita, e confiscar todos seus bens materiais, financeiros e também a propriedade; esta foi uma das estratégias nazistas para acumular um grande volume de capital econômico que seria decisivo no financiamento da propaganda, realização das Olimpíadas e também da guerra.

Já no que diz respeito ao capital cultural, a ideia era a de que o corpo ariano deveria estar pronto e moldado para a guerra, demonstrando conhecimento e habilidades específicas além do que se espera para este determinado fim, tudo isso em detrimento da pouca relevância aos diferentes tipos de qualificações educacionais, que também está incluso no capital cultural. Este desinteresse educacional é bem traduzido no discurso Hitlerista, quando diz, “O Estado do povo não deve ajustar todo seu trabalho educacional para a inoculação de mero conhecimento em primeiro lugar, mas sim para o treino de corpos absolutamente saudáveis. O treinamento de capacidades mentais é apenas secundário” (HITLER, 2005, p.32).

Ao falarmos de símbolos, também devemos nos remeter aos que marcaram de fato os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim, como por exemplo, o fogo olímpico que pela primeira vez saíra da cidade grega de Olympia, (considerada o berço dos jogos) sendo feito um revezamento de atletas alemães com destino à cidade de Berlim. Para isso, foram escolhidos os atletas que mais bem representavam o corpo ariano, altos, fortes, loiros e de olhos azuis como retrata o filme/documentário *Olympia Festa das Nações*; contudo pode-se dizer que a leitura que se faz da figura 02, é que o corpo é um símbolo, que conduz outro símbolo representado pela tocha olímpica conduzida em um revezamento que representava a união do povo germânico que esteve separado durante muitos anos e também sugerindo que os ideais gregos de civilização estavam se transferindo para a Alemanha como aponta Mostaro (2012, p.103), “Pela primeira vez a tocha saiu da Grécia e foi para o país sede, em uma tentativa clara de demonstrar que os ideais gregos de civilização estavam se transferindo para o povo alemão”.

É fato que os símbolos podem servir como instrumento de unidade nacional, internacional e também estimular a integração entre os povos; desta forma, Bourdieu (1989), destaca ainda que:

Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação, eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração moral (p.10).

Neste sentido, a ideia do fogo olímpico (figura 02) foi muito bem posta, uma vez que, além de propor a união do povo germânico e transferência da chama olímpica para Berlim indicando que os ideais gregos de civilização só poderiam ser herdados pelos germânicos, também sugeriu a integração de todas as nações que estariam ali reunidas não somente para competir, mas também para manter viva a chama que representa o espírito olímpico.

Figura 02**Figura 02 (cortejo/revezamento da tocha olímpica em Berlim 1936)**

A imagem do corpo alemão que conduzia a chama olímpica em cortejo representava o corpo “fabricado” pela ideologia racial alemã: forte, perfeito e saudável, sendo o legítimo representante dos ideais gregos de civilização o que sugeria, por meio do revezamento e cortejo, que somente os alemães poderiam ser os herdeiros desses povos (MOSTARO, 2012). A imagem demonstra bem a organização do cortejo, o que caracteriza a ordem unida militar. Percebemos que se trata de um momento histórico ímpar da humanidade que marcaria a trajetória dos Jogos Olímpicos da era moderna, neste sentido Lissovsky (1986), salienta que “a primeira coisa a mostrar em relação ao conteúdo da fotografia é o momento histórico que ela está retratando: fazer um movimento em direção ao contexto da imagem [...] (p. 121). E no contexto desta figura ainda pode-se destacar (vide militares em cima do monumento “Portão de Brandemburgo”) a forte segurança utilizada pelos nazistas durante o cortejo da tocha olímpica.

Através desta inovação, os nazistas conseguiriam seus objetivos com a realização da sua propaganda simbólica e ao mesmo tempo agradariam aos espectadores e as delegações dos outros países com esta ideia inovadora. Contudo, este mesmo corpo ariano imponente que conduz a tocha olímpica, o maior símbolo

da ideologia nazista, sofreria durante os jogos uma importante derrota que colocaria em xeque todo este pretensão ideário de supremacia racial Hitlerista. Isto ocorreu quando o corpo negro – considerado uma raça inferior que historicamente sempre foi dominada por outros povos – do americano *Jesse Owens* venceu o corpo ariano do alemão *Lutz Long* considerado, até então, imbatível na prova de atletismo do salto em distância, e além desta prova, Owens venceria mais três provas clássicas do atletismo vindo a conquistar um total de quatro medalhas de ouro nas Olimpíadas. (figura 03). Repare que Owens, orientado pelo Comitê Olímpico Americano presta a continência (um ato político e de saudação oficial militar) em contraponto à saudação nazista (braço direito estendido a Hitler) realizadas pelos atletas germânicos. Neste sentido, para Lissovsky (1986, p. 117), ao analisarmos uma fotografia como fonte histórica:

O sujeito, quando olha a fotografia, estabelece uma ponte entre aquele momento e o espaço que está na imagem e o momento que ele está vivendo. Como a distribuição dos objetos no espaço não é gratuita, tudo se posiciona no espaço, devendo serem levadas em consideração as relações entre os objetos. A orientação dos corpos também não é gratuita, eles traduzem orientações: linhas de autoridade, de subordinação, de hierarquia, de disciplina [...]. A explicação espacial da cultura, da política, das relações sociais pode ser percebida.

Com base no autor, podemos refletir sobre alguns pontos na referida foto histórica do pódio olímpico das Olimpíadas de 1936, o primeiro deles é a nítida subordinação, disciplina e política contida no gesto da continência do americano Jesse Owens, o outro seria a questão da hierarquia (primeiro, segundo e terceiro lugar) que é próprio das competições esportivas.

Figura 03



Figura 03 (Jesse Owens vence a prova do salto em distância no atletismo)

O que se poderia dizer com relação a este feito? É fato que a liderança nazista se viu perplexa diante da situação, afinal, o investimento feito tanto na preparação dos seus atletas, como no evento em si, era muito alto e a derrota de um atleta alemão favorito à conquista do ouro olímpico em apenas uma prova poderia não significar muita coisa, considerando o universo de uma olimpíada. No entanto, a vitória de um atleta negro – e que ainda foi destaque no atletismo vencendo mais três provas – sobre um atleta alemão representou para o mundo um valor simbólico imensurável, uma vez que, o corpo ariano de *Lutz Long*, era uma forma simbólica produzida, aprovada e estimada pelo nazismo com o consenso da maior parte da população da Alemanha, e ao mesmo tempo contestada e desprezada por várias outras nações. Neste sentido, e tendo como base a mídia como elemento de análise, Thompson (2011, p. 03) destaca que:

Podemos distinguir entre dois principais tipos de valorização que são de particular importância. O primeiro tipo é o que podemos chamar de "valorização simbólica": é o processo através do qual é atribuído as formas simbólicas um determinado "valor simbólico" pelos indivíduos que as produzem e recebem. Valor simbólico é aquele que os objetos tem em virtude dos moldes pelos quais, e na extensão em que, são estimados pelos indivíduos que os produzem e recebem - isto é, por eles aprovados ou condenados, apreciados ou desprezados. A atribuição de valor simbólico pode ser distinguida do que podemos chamar de "valorização econômica".

Neste caso, não consideramos aqui a valorização econômica a qual é atribuída o valor econômico de mercado, no entanto, este acontecimento histórico foi de certa forma muito explorado pela comunicação de massa da época, embora basicamente para fins políticos e não econômicos.

Apesar do feito do americano Jesse Owens ter, de certa forma, comprometido os planos da propaganda política do governo ditatorial alemão durante os jogos, uma vez que acabou por gerar uma grande repercussão nas mídias da época e uma consequente difusão mundial do acontecimento, Hitler havia alcançado seu objetivo macro no evento, com a liderança da Alemanha no quadro geral de medalhas e, certamente em seu imaginário, teria comprovado empiricamente a supremacia racial reivindicada pelo nazismo. Entretanto, sabemos tratar-se de uma situação que requer uma análise contextual na qual os grandes investimentos na preparação e todo o suporte oferecido aos atletas germânicos provavelmente foram decisivos para o feito. Pode-se dizer também que o destaque da mídia ao “quadro de medalhas” (figura 04) foi, de certa forma, um produto final almejado e um resultado prático que sustentou bem a propaganda política nazista como aponta Mostaro (2012):

Outro fator que a mídia introduziu nestes Jogos Olímpicos foi a divulgação de um “quadro de medalhas”. Ora, se os alemães queriam demonstrar para o mundo que tinham renascido através dos jogos, tinham que demonstrar com fatos que eram os vencedores dos Jogos Olímpicos. A Alemanha se gabou através do “quadro de medalhas” e reforçou a propaganda nazista de um Estado forte e superior ao mundo (p. 105).

E aqui, com certeza podemos novamente nos remeter à forma simbólica e valorização simbólica de que fala Thompson (2011), pois o quadro de medalhas era uma informação que representava simbolicamente a Alemanha como a grande vencedora dos Jogos Olímpicos de 1936, o que veio a auto afirmar a propaganda política do regime nazi, isto deixa claro a dimensão do valor simbólico nele contida, pois – na visão dos nazistas – seria a prova irrefutável de que Hitler realmente estava com a razão. Neste sentido, Bourdieu (1989, p.14) ressalta “o poder simbólico como poder de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo [...]”. Dentro de uma relação analógica com a imagem analisada pode-se dizer que esta detém o poder de crença e confirmação, pois a figura (04), ao demonstrar o país que obteve o maior número de medalhas, fala por si mesma e confirma a nação vencedora.

Figura 04

Quadro de Medalhas / Berlim 1936						
Posição	Pais	Ouro	Prata	Bronze	Total	
1	 Alemanha	33	26	30	89	
2	 Estados Unidos da América	24	20	12	56	
3	 Hungria	10	1	5	16	
4	 Itália	8	9	5	22	
5	 Finlândia	7	6	6	19	
	 França	7	6	6	19	
7	 Suécia	6	5	9	20	
8	 Japão ⁽¹⁾	6	4	8	18	
9	 Países Baixos	6	4	7	17	
10	 Grã-Bretanha	4	7	3	14	
11	 Áustria	4	6	3	13	
12	 Checoslováquia	3	5		8	
13	 Argentina	2	2	3	7	
	 Estônia	2	2	3	7	
15	 Egípto (Egito)	2	1	2	5	
16	 Suíça	1	9	5	15	
17	 Canadá	1	3	5	9	

(Quadro de medalhas das Olimpíadas de 1936 com a Alemanha em primeiro lugar representada pela bandeira nazista que durante o regime se tornou a bandeira oficial do país)

Nos atendo novamente a questão simbólica dos Jogos Olímpicos de 1936, não podemos deixar de fazer menção à uma das maiores expressões simbólicas usadas pelo regime nazista durante sua ascensão ao poder e que também foi muito utilizada no período das Olimpíadas; estamos nos referindo à suástica ou cruz gamada. Trata-se de um símbolo muito antigo, enigmático e que, de fato, não foi uma invenção nazista. Na verdade, há relatos de que este símbolo teria aparecido há mais de 5 mil anos no período neolítico na Eurásia e foi utilizada por culturas ancestrais de diversas partes do mundo, as quais intrigam os pesquisadores, uma vez que essas culturas não possuíam nenhum tipo de contato conferindo, segundo alguns autores, certo poder místico (SOSA, 2013). Isso nos remete a ideia de Borges e Frank (1997, p.13) ao destacarem que “Quando se estuda a cultura de qualquer tribo, analogias mais ou menos diretas de certos elementos específicos de tal cultura podem ser encontrados nos povos mais diversos”.

Etimologicamente, a palavra “suástica” deriva do sânscrito (grupo de línguas e dialetos indo-árícos antigos do Norte da Índia) *svastika* que quer dizer “boa sorte” ou “condutora do bem-estar”, no entanto, tradicionalmente, para a maioria das civilizações em que era utilizada, a suástica era tida como um símbolo solar, representando o nascimento e renascimento da vida, uma fonte de energia capaz de criar todas as coisas no mundo. (Dicionário de Símbolos, disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/>>). Contudo, é importante salientar que os significados atribuídos à suástica pelo nazismo foram inspirados em ideais nacionalistas, trabalhistas e racistas como o próprio Hitler (2005, p.138) descreve,

Como nacional-socialistas, vemos em nossa bandeira nosso programa. No vermelho, a ideia social do movimento; no branco, a ideia nacionalista, e na suástica, a missão de lutar pela vitória do homem ariano, e ao mesmo tempo pelo triunfo da ideia do trabalho produtivo, ideia que é e será sempre antissemita.

Como se vê, os signos conferidos à suástica pelo nazismo foram atrelados ao arianismo (ideologia da supremacia racial) e, conseqüentemente, ao antissemitismo em que, os judeus, não eram vistos pelo regime como seres humanos, mas como uma sub raça que corrompia a nação alemã e precisava ser eliminada; esta é uma forma de pensamento que está alinhada com a teoria Foucautiana (2005), onde o autor afirma que, “para que a raça pura pudesse se perpetuar de forma mais saudável, era necessária a morte da raça dita inferior ou do degenerado/anormal”.

Contudo, deve-se levar em conta que após a apropriação da suástica pelo nazismo e com o fim da Segunda Guerra Mundial este símbolo passou a ser visto com muito receio em todo o mundo, sendo até proibido seu comércio e veiculação em muitos países inclusive no Brasil. Em tal país, fazer apologia do nazismo ou o uso da suástica para fins nazistas é crime, de acordo com a lei n.º 7.716/89, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor (com alterações da lei n.º 9.459/95), em seu artigo 20: § 1.º – Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo. Pena: reclusão de dois a cinco anos e multa (Diário Oficial da União, 1989).

Mas o fato é que a suástica era um símbolo além de místico, muito forte que fazia um efeito – juntamente com o vermelho da bandeira nazista – de propaganda penetrante que chamava a atenção por estar presente em forma de bandeira, estandarte, emblema, adorno e como braçadeira da farda de Hitler e dos oficiais nazistas na altura do braço esquerdo. Freitas (2007) destaca a psicodinâmica das cores e símbolos em comunicação:

Sobre o observador que recebe a comunicação visual, a cor exerce três ações: a de impressionar a retina, a de provocar uma reação e a de construir uma linguagem própria comunicando uma idéia, tendo valor de símbolo e capacidade. O vermelho revela uma vida intensa e liderança. É impulso, avidez e força de vontade tendo associação material com o sangue e a guerra (p.1-6).

Este era, sem dúvida, um dos propósitos da propaganda do regime disseminada na época e durante as Olimpíadas inclusive. A entrada da delegação Alemã na cerimônia de abertura já foi com a bandeira do partido nazista que fora oficializada em 15 de setembro de 1935, como única bandeira nacional da Alemanha em substituição à bandeira oficial tricolor e também os uniformes dos atletas alemães e as medalhas dos Jogos foram confeccionados e gravados o desenho da suástica.

Em todo período de realização dos Jogos em Berlim a suástica (figura 05) estava em todos os cantos da cidade e do Estádio Olímpico, geralmente tendo ao seu lado a bandeira Olímpica com os arcos multicoloridos que naquela ocasião ainda representavam a união e integração entre os povos dos cinco continentes, divididos pelas seguintes cores: azul - Europa, vermelho - América, preto - África, amarelo - Ásia e verde - Oceania, contrastando com os valores nacionalistas e racistas da bandeira nazista e os significados antisemitas atribuídos à suástica.

Figura 05



(Bandeira com o emblema da suástica nazista no Estádio Olímpico de Berlim 1936, ao fundo os arcos Olímpicos)

Assim como “os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social” Bourdieu (1989, p.10)², além da suástica, as expressões faciais e os gestos também podem ser entendidos como uma forma de expressão corporal e de comunicação repleta de significados e, portanto, acreditamos ser de extrema importância incluímos neste estudo uma análise da saudação gestual destinada à Hitler. Trata-se de um gesto que se assemelha muito ao da continência militar que também tem como significado uma saudação, no entanto, há regras para sua utilização, por exemplo: a continência sempre deve partir, por obrigação, de um subordinado à um superior dentro da hierarquia militar.

² este autor também faz referência aos símbolos como ferramentas para comunicação.

Esse gesto é feito com o corpo em posição militar de “sentido”, ou seja, pernas e pés unidos, braço esquerdo junto ao corpo e o braço direito estendido em direção ao *fuher* (figura 06). Ele era feito a princípio apenas entre os militares nazistas mas, posteriormente, foi apropriado pela população civil que o fazia principalmente nas aparições públicas de Hitler onde geralmente era recebido pela multidão que assim o saudava. Durante o período dos Jogos Olímpicos em Berlim, o referido gesto foi realizado em diversas situações, tanto pela multidão que se encontrava no Estádio Olímpico como pelos atletas germânicos quando subiam ao pódio para receberem a premiação, no entanto, o que chamou a atenção pela polêmica envolvida foi quando, durante a cerimônia de abertura, algumas delegações como a da Itália, Grécia e México, ao adentrarem no estádio, fizeram a saudação gestual à Hitler que ali se encontrava na tribuna de honra como está registrado no filme/documentário “Olympia: a festa das nações” e citado por Salun (2012),

O público compareceu em massa aos jogos e um dos momentos polêmicos foi quando membros de algumas delegações no desfile de abertura fizeram uma saudação a Hitler, que foi interpretada como um sinal de simpatia ao regime, fato aproveitado pela imprensa alemã para publicidade (p. 9).

Isso na verdade foi um “prato cheio” para a estratégia de propaganda nazista, pois no momento em que as delegações estrangeiras realizaram o gesto de saudação nazista elas revelaram ao mundo a simpatia pelo regime alemão. Neste sentido, podemos dizer que alguns gestos – como este da saudação nazista – tornam-se verdadeiras formas de linguagem de fácil interpretação global.

Figura 06



(Lutz Long, atleta alemão faz a saudação nazista no pódio)

Neste sentido, a expressão corporal se fez presente em todos momentos solenes dos Jogos Olímpicos de 1936, como por exemplo e notavelmente, durante a abertura no desfile das delegações, no discurso de Hitler, nas cerimônias de premiação e também na manifestação do público presente no Estádio Olímpico de Berlim. Pode-se descrever essas expressões de linguagem não verbal sobretudo pela “saudação nazista” que foi o gesto que mais se repetiu durante o evento. Para Goes et al. (2011, p.3):

A linguagem não verbal pode ser reveladora das relações de comunicação entre os indivíduos. O corpo fala, expõe “verdades”, reforça ideias, favorece ou dificulta o entendimento; enfim, dá ênfase à comunicação. Assim, a linguagem muitas vezes se constitui como instrumento de poder/controle.

Entendendo os gestos como uma forma de linguagem e expressão corporal dos indivíduos conclui-se que, de fato, a menção da saudação nazista além de reforçar a ideologia dava uma certa ênfase à comunicação não só entre o povo alemão e o governo nazista, mas também pelos atletas das delegações da Itália e Grécia que ao realizarem o referido gesto durante o desfile de abertura sugeriram

uma possível simpatia ao regime. Na intenção gestual também existe o interesse de transmitir uma mensagem ou responder de maneira positiva à primeira pessoa que gesticular, isso nos remete à idéia de que o interlocutor ao realizar o mesmo gesto está concordando com a primeira pessoa.

Obviamente que se faz necessário levar em conta todo o aspecto cultural envolvido e vivenciado dentro da sociedade, e no cenário aqui analisado fica bem nítido todo o aspecto disciplinar abrangido. As expressões corporais estavam necessariamente atadas ao militarismo. Segundo Foucault (2014, p. 126): “[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. A fala do autor supracitado assenta com o quadro político da época em que o poder estava centrado nas mãos de um ditador e a principal instituição era o exército.

Todavia, os referidos aspectos simbólicos foram incisivamente explorados pelo regime nazista durante a realização das Olimpíadas com o objetivo de enaltecer a ideologia eugenista e alguns deles se apresentaram de maneira inédita na história do evento como o cortejo da tocha e a divulgação do quadro de medalhas, já referidos anteriormente. No tópico seguinte os Jogos Olímpicos de 1936 serão abordados sob a perspectiva do lazer.

3.4 Os Jogos Olímpicos de 1936 no Contexto do Lazer

Sendo as Olimpíadas consideradas um megaevento esportivo na atualidade, devido às suas características peculiares como prazo de duração do evento, número de atletas envolvidos, quantidade de equipes/confederações participantes, e, também como pertencente a um segmento de políticas públicas de esporte e lazer (MARCELLINO, 2013); porventura poderíamos considerá-la também como parte dos estudos do lazer e, em particular, das discussões acerca da assistência pelo espectador ou telespectador e do conteúdo fisicoesportivo. A palavra “assistir” nos sugere uma ideia de passividade, no entanto, segundo Marcellino (2000), baseado nas ideias de Dumazedier (1980),

[...] a atividade de lazer em si, não é ativa ou passiva, e que essa distinção é dependente da atitude que o indivíduo assume. Assim, tanto a prática, como o consumo, poderão ser ativos ou passivos, dependendo de níveis de participação da pessoa envolvida, níveis esses que podem ser classificados como elementar, caracterizado pelo conformismo; médio, onde prepondera a criticidade; e superior ou inventivo, quando impera a criatividade (p. 20).

Neste sentido, podemos deduzir que os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim, especificamente, não se apresentaram como elemento do contexto do lazer como transformação social e convivencialidade, mas sim, inseridos em uma assistência de atitude passiva dentro de um nível de participação elementar. Há de ser ressaltado que existiram resistências não-judaicas ao avanço do nazismo, podendo citar como exemplo a organização de uma tentativa de atentado contra Hitler em 20 de julho de 1944, mobilizada por oficiais do próprio exército nazista que naquele momento se apresentavam insatisfeitos com o regime. A referida organização ficou conhecida como “Operação Valquíria” e ainda podemos citar a parte da população alemã que também ofereceu resistência ao regime praticando desobediência civil, promoção de missas censuradas e através de ajuda à fuga e oferecimento de abrigo aos judeus (CARVALHO, 1990).

Alguns países também questionaram a realização dos jogos em Berlim por conta do extremismo político que já era vivido na Alemanha antes do ano das Olimpíadas, como a perseguição aos judeus, negros e homossexuais. Até mesmo o Comitê Olímpico Internacional propôs a transferência dos jogos sugerindo um “plano B” que seria a troca de sede pela cidade de Barcelona. Salun, (2012) cita que:

Alguns países apoiaram essa ideia, sindicatos, operários e militantes de esquerda se organizaram em vários países para realização de jogos em protesto às Olimpíadas de Berlim e algumas atividades chegaram a ocorrer nos Estados Unidos, Espanha e Bélgica, mas de qualquer forma, a tônica que estimulava esses idealistas não era apenas a crítica ao nazifascismo, mas também vislumbrar esses jogos como atividade de lazer e confraternização em detrimento do espírito competitivo (p. 10).

Diante do exposto, torna-se relevante a afirmação de Silva (2012, p.78) com base nas ideias de Marcellino (2002) “ter em mente que o lazer crítico e criativo abre múltiplas possibilidades de desenvolvimento e de educação, mas para isso é necessário que as ações se contraponham à da indústria cultural, na maioria das vezes exploradora do lazer mercadoria, do entretenimento na sua pior conotação”. Sendo assim – por mais difícil que seja esquivar-se do poder da indústria do entretenimento e o conseqüente consumo, para que se tenha uma educação para e pelo lazer – faz-se necessário a vivência de um lazer desprovido de fins utilitários.

Para Dumazedier (1980, p.109), quando o lazer não é resultado de uma escolha livre e se encontra submetido a fins lucrativos, utilitários ou ideológicos ele deixa de ser lazer e torna-se o que ele denomina de “semilazer”:

Conclui-se, assim, que, se o lazer obedecer parcialmente a um fim lucrativo, utilitário ou engajado, mesmo sem se converter em obrigação, mesmo sendo origem de satisfação, não é mais lazer, no sentido total do termo. Torna-se um lazer parcial, isto é, um semilazer. O semilazer é uma atividade mista, em que o lazer se impregna de uma atividade institucional.

Não restam muitas dúvidas de que o esporte e os jogos olímpicos, no contexto da Alemanha de 1936, se encontravam impregnados por uma forte atividade institucional de um governo que estava convicto de que a prosperidade daquela nação dependia de uma política de segregação racial pautada pelo extremismo e intolerância. Podemos fazer uma correlação do referido contexto com os dias atuais, lembrando que quase um século já se passou, o esporte (especificamente o futebol) passa por retrocessos na questão da discriminação racial, onde assistimos pela TV jogadores negros serem vaiados e hostilizados nos estádios da América do Sul e da Europa, chocando o mundo. Neste sentido, Dumazedier (1980, p.115) argumenta que:

Só se pode conceber a democratização de uma atividade esportiva, com a recusa de qualquer tipo de discriminação, com a recusa de transformar o indivíduo em instrumento de fácil manipulação política, de contestação de minorias raciais ou religiosas; com a recusa de, a pretexto de enaltecer o orgulho pessoal ou coletivo, do indivíduo ou da nação, aspirar a vitória, acima de tudo e a qualquer preço.

A crítica do autor supracitado, é, sem dúvida, muito pertinente não só ao que se refere à discriminação racial, mas também, pela questão da orientação excessiva pelos resultados, ou seja, a busca da vitória a qualquer preço e a consequente ausência de ética e valores benígnos do esporte. Nos remetendo novamente ao presente (intervalo dos Jogos Olímpicos, Londres 2012 e Rio 2016), tivemos como um triste exemplo, o uso de doping da confederação russa de atletismo, que há anos já vinha agindo irregularmente demonstrando uma obsessão insana pela vitória e um total desrespeito para com o decoro esportivo.

Nota-se que nos esportes é bem nítido o anseio pela vitória, para que de posse desta o jogador possa se vangloriar perante o seu oponente. Huizinga (2001) aponta ser inato o desejo de ser o primeiro, de ser o melhor, o que continuará levando os grupos de poder a entrar em competição. Estes estudos clássicos como de Elias e Dunning (1992) apontam para uma crescente competitividade, seriedade no modo de envolvimento e orientação para os resultados, isso em todos os níveis do esporte, o que, apesar de apresentar alguns aspectos positivos – como por exemplo, o estímulo do espírito de competitividade, leva o atleta (profissional ou amador) à busca de sua melhor performance e seu melhor resultado (dentro dos seus limites) e um bom resultado certamente trará benefícios para si próprio (como elevação da autoestima) e também para o grupo que está inserido – pode levar instituições esportivas profissionais de renome e também do esporte amador a cometer graves equívocos, como a utilização de doping, adulteração de documentos, *overtraining*, especialização esportiva precoce etc. Todas essas atitudes consideradas como “anti-esportivas” são algumas consequências negativas da competitividade excessiva gerada pela busca de resultados. Para Dumazedier, (1980, p.116) “A pobreza da vitória obtida a qualquer preço, isto é, a mística do resultado, porque é a negação de todos os valores do esporte; porque se faz indiferente aos problemas da ética, da estética e do lado dramático do esporte e a todos os aspectos de relações sociais e humanas verdadeiras”.

O fato é que, a crescente industrialização e a consequente mudança no estilo de vida das pessoas que se adequou ao trabalho e produção acabaram por acelerar algumas mudanças nas características advindas do amadorismo esportivo como a ludicidade e o caráter desinteressado da prática, dessa forma, Salun (2012) relata que “[...] as regiões mais industrializadas do mundo assistiram a uma revolução que tirou do esporte sua característica lúdica e o transformaram em uma fábrica de competição” (p. 3).

Neste sentido, há uma hipótese de que, após a utilização das Olimpíadas de 1936 em Berlim para fins de propaganda política e ideológica, os jogos perderam um

pouco do seu encanto e passaram a ser vistos como uma oportunidade de se projetar a nação por meio do esporte. Para que se entenda este dispositivo é necessário nos referirmos ao Movimento Olímpico surgido no século XX como sendo o responsável pela internacionalização do esporte como se fosse uma categoria de nação, o que resultou na forte politização esportiva (BRACHT, 2003). Isto se deu principalmente como um efeito pós 2ª guerra mundial com a bipolarização do mundo entre União Soviética e Estados Unidos, e, teve seu ápice durante a guerra fria entre esses dois países, especificamente em 1980 quando Moscou, capital da então União Soviética sediou pela primeira vez os jogos olímpicos da era moderna e sofreu o boicote dos EUA que não participaram, sendo que, após quatro anos os soviéticos deram o troco e boicotaram as Olimpíadas de 1984 com sede em Los Angeles nos Estados Unidos. Sobre este episódio, Dumazedier (1980) faz uma dura crítica,

O Estado, às vezes, dispõe dos atletas como se o fizesse com mercenários. Em 1980, por razões de política internacional, o presidente dos Estados Unidos impediu os atletas americanos de participarem dos jogos em Moscou. Mais condenável, ainda, é a apatia da opinião pública, diante da enormidade da degradação da personalidade do esportista, a bel-prazer do Estado; esquecem-se todos de que tais medidas são fundamentalmente contrárias aos princípios dos Jogos Olímpicos, que não admitem interferências estatais e só se preocupam com os atletas (p. 123).

É fato que na década de 1980 os atletas americanos e soviéticos se viram em uma situação de confinamento por conta do rompimento das relações políticas entre os dois países, sendo reduzidos a um mero instrumento de política governamental. Com isso, se ressalta a importância de uma educação para o lazer a partir da conscientização de atletas profissionais (que emergem do lazer esportivo e das competições amadoras), a fim de que não sejam usados como instrumentos de manobra de um Estado e de fácil manipulação política situando-se dentro de uma visão funcionalista e utilitária do lazer.

O esporte é prática e instrumento de cultura, dessa forma, Marcellino (2007) entende o “lazer como a cultura, compreendida em seu sentido mais amplo, vivenciada no tempo disponível, com uma real possibilidade de transformação social e desenvolvimento pessoal”; no entanto, a politização esportiva em excesso pode não ser benéfica para a vivência do esporte no contexto do lazer, tanto no consumo (incluindo a assistência no caso das Olimpíadas de 1936), como na prática, pois o estado ao se apropriar do esporte para utilizá-lo como veículo propagandístico de sua ideologia, rompendo com o sentido de cultura ampliada de lazer, limitando-o à uma visão restrita e utilitária, impedindo a manifestação da criticidade e criatividade inerentes ao desenvolvimento pessoal que pode ser proporcionado pelo lazer.

4 RESULTADOS III

A DIFUSÃO DO ESPORTE PELA MÍDIA E A PROPAGANDA POLÍTICA NO CONTEXTO DO BRASIL DE 1969-1970

4.1 Seleção Brasileira, Mídia e a Preparação para a Copa do Mundo de Futebol de 1970

Desde o capítulo anterior vimos destacando a difusão e a conseqüente influência da mídia no esporte mundial, no contexto dos jogos olímpicos de 1936. Ao pensarmos no caso do Brasil, na ocasião da Copa do Mundo de Futebol de 1970, pode-se considerar que esse evento não é considerado apenas como um simples torneio esportivo futebolístico internacional disputado entre equipes que representam suas nações dentro de um clima amistoso, festivo e de integração. Definitivamente não! Na verdade, nem passa perto disso, pois em países como o Brasil – pode-se citar também como exemplo a Argentina – o futebol transborda os mais diversos significados, dentre eles o de representar a identidade nacional. Quando se analisa esta relação entre futebol e a identidade de uma nação, percebemos que ela atravessa gerações, como o filho que torce para um time de futebol que o seu pai torcia e que seu avô também torcia e juntos acompanhavam as partidas pela TV, pelo rádio e até mesmo pessoalmente no estádio.

Daolio (1997, p.13) destaca que, “A sociedade brasileira está impregnada de futebol e o maior exemplo disso pode ser visto no nascimento de uma criança quando ela recebe um nome, uma religião e um time de futebol”. Isso é um traço marcante na cultura brasileira, e acrescenta-se ainda ao exemplo citado pelo autor, a tradição do recém-nascido – menino – ser presenteado com uma roupa estampada com o escudo e as cores do time de futebol que a criança irá torcer, normalmente dado pelo pai ou padrinho. Neste sentido, uma Copa do Mundo de Futebol se transforma em algo grandioso e se apresenta de fato como cenário ideal para o povo exteriorizar todo seu sentimento à Seleção, e neste momento a nação é sintetizada e inserida em uma equipe de futebol, a chamada “pátria de chuteiras”. Neste sentido, Souza e Silva (2016) afirmam que “[...] o futebol não é um jogo qualquer, ao qual as pessoas são indiferentes. Ao contrário, este desporto é significativo. Os seus resultados são tão importantes que se transformam facilmente em temas discutidos nas mesas de bares” (p. 51). Acrescentaria, ainda, que o leque das discussões se estenderia às pausas para o café no trabalho e nessa situação sempre um quer tirar

sarro do outro por conta de uma derrota ou vitória de seu time.

O ano de 1969 será mencionado aqui por conta da participação da seleção brasileira no torneio das eliminatórias para a Copa do Mundo de Futebol que teria seu início no dia 31 de maio de 1970, na Cidade do México, no entanto, no decorrer das eliminatórias observou-se que alguns jornais tradicionais da época não deram muito destaque a essa disputa como será visto adiante.

Apesar de desde 1962 já ter sido possível assistir aos jogos da Copa do Mundo (realizadas naquele ano no Chile), isso só era possível com 2 a 3 dias de atraso, pois as fitas com as imagens dos jogos tinham que vir de avião até o Brasil, sendo assim, as transmissões pelo rádio eram mais populares por serem ao vivo e a Copa de 1962 ficou então conhecida como “a copa do radinho de pilha”. “Somente na Copa de 1970 que os brasileiros assistiriam aos jogos ao vivo, via satélite à telespectadores de 16 estados e o distrito federal” (FERREIRA, 2014, p. 93).

A decisiva participação da mídia no cenário futebolístico brasileiro a partir do ano das eliminatórias da Copa (1969) pode ser confirmada, sobretudo, pela pressão da imprensa e uma certa descrença pela torcida diante do fracasso da seleção brasileira na Copa de 1966, diante da seleção portuguesa (MAGALHÃES, 2012). Neste contexto, João Alves Jobim Saldanha, popularmente conhecido como “João Saldanha” era um jornalista de destaque na crônica esportiva brasileira e crítico da seleção onde nem mesmo os dirigentes escapavam de seu rigoroso julgamento. Além disso, é preciso destacar que Saldanha era militante dos movimentos de esquerda e filiado ao PCB (Partido Comunista Brasileiro). Ainda assim, ele foi escolhido pelo presidente da antiga CBD (Confederação Brasileira de Desportos) João Havelange, para treinar a seleção, o que, para alguns autores isso teria acontecido de maneira estratégica:

[...] nenhuma estratégia era dispensável, até mesmo a possibilidade de contratar um técnico contrário aos valores golpistas [...]. Foi nessas circunstâncias que João Saldanha assumiu o selecionado, mesmo bombardeado por todos os lados. Os paulistas lamentavam que a CBD tivesse se rendido a um carioca, enquanto os militares mais conservadores também falavam em rendição, só que a um comunista [...]. (AGOSTINO, 2002, p. 156).

Apesar das lamentações dos paulistas e a desconfiança dos militares, João Havelange não hesitou em contratar um jornalista de renome e dos mais críticos da seleção brasileira na época, o que teoricamente poderia servir para acalmar os ânimos da imprensa como afirma Magalhães (2012, p.236): “A versão mais aceita é que João Havelange, concordou com a opção para acalmar a imprensa, que tanto atacava a seleção, colocando um dos jornalistas mais críticos como técnico e por

conta de sua popularidade”. Por hora, a ideia havia sido boa e também se mostrou eficaz visto que, como havia um certo respeito da crônica esportiva pela pessoa de João Saldanha, a imprensa aliviou nas críticas e a seleção brasileira – que nesta época ficou conhecida como as “Feras do Saldanha” devido a uma declaração do próprio João Saldanha em entrevista, dizendo que só convocaria “feras” – obteve um aproveitamento de 100% ao vencer todas as seis partidas das eliminatórias da Copa do Mundo de Futebol. Assim, se classificou em 1º lugar na disputa e, aparentemente, conquistaria de volta a confiança do torcedor brasileiro que se encontrava desacreditado após a fraca campanha na Copa do Mundo de Futebol da Inglaterra em 1966.

No entanto, apesar da aparente calma, visto que Saldanha conseguiu cativar os jornalistas e os torcedores, dentro em pouco a seleção passaria por uma inesperada crise que envolveria João Saldanha, o então presidente do Brasil Emílio Garrastazu Médici e Edson Arantes do Nascimento, o “Pelé”, que era simplesmente a maior estrela da seleção brasileira e do futebol mundial na época. O presidente Médici sustentava um apreço pessoal pelo jogador Dario, popularmente conhecido como “Dadá Maravilha”, o qual não foi convocado para a seleção. Após ser indagado pela imprensa sobre a opinião do presidente, Saldanha retrucou com a célebre frase: “Vamos combinar o seguinte: o senhor presidente escala seu ministério e eu escalo a seleção brasileira” (MILLIET, 2006).

As questões políticas serão aprofundadas mais à frente, no entanto, ao analisarmos este fato ocorrido, não se exige muito esforço para concluirmos que, na verdade, a preocupação maior dos militares não era a convocação do jogador A ou o jogador B para servir à seleção, mas sim, a circunstância de João Saldanha ser militante de esquerda, e filiado ao Partido Comunista, isto sim, era um episódio que além de incomodar o regime levantava fortes suspeitas sobre o treinador como aponta Magalhães (2012), “Mas o regime também se preocupava com suspeitas de que o técnico levava documentos para o exterior denunciando a violência do governo”. A referida preocupação dos militares é, sem dúvida, muito pertinente, uma vez que o país vivia a fase mais severa da ditadura com a decretação do AI-5 (Ato Institucional número 5), considerado o mais duro golpe à democracia que deu poderes absolutos e incontestáveis ao regime militar; e neste contexto, uma figura pública e opositora declarada ao regime como Saldanha, certamente poderia (em um país estrangeiro) adotar uma atitude que representasse um risco potencial para a ditadura. Pode-se dizer que esta situação desencadeou o “começo do fim” da trajetória de João Saldanha como técnico da Seleção Brasileira de Futebol, pois a partir daí boa parte da mídia impressa e televisada que apoiavam a ditadura, não

poupavam esforços (com apoio dos militares) para desestabilizar o treinador, o que futuramente terminaria com sua demissão (MILLIET, 2006).

Contudo, nos referindo novamente a contratação de João Saldanha para ser o técnico da seleção e sobre o início das eliminatórias, após uma análise específica de duas das mais importantes mídias impressas da época, como a Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo, nota-se que a desconfiança e a baixa popularidade da seleção ainda eram bem nítidas como demonstra Ribeiro e Almeida (2014, p.12):

Ao analisar o dia anterior, o dia e o dia posterior dos jogos do Brasil pelas eliminatórias em 1969 no jornal Folha de São Paulo, nota-se que nos dias anteriores às partidas não há notícias referentes aos jogos na primeira página, e sim na página de esportes, mas entre diversas notícias de outras modalidades e dos times locais de futebol. Em todos os dias das partidas e em todos os dias posteriores às partidas, há notícias do selecionado nacional, porém sem muita extensão, na primeira página assim como nas páginas de esportes também. Analisando todos os dias das eliminatórias de maneira conjunta, nota-se muitas notícias de acontecimentos políticos e econômicos, bem como diversos problemas nacionais de distintas naturezas relatados pelo jornal. No O Estado de São Paulo, quanto as eliminatórias, nota-se que nenhum dos dias analisados faz menção aos jogos da seleção na primeira página, sem muita extensão e em conjunto com informações dos times nacionais e de outras modalidades.

Isso vem a confirmar que apenas por hora os dirigentes conseguiram cativar a imprensa e os torcedores, mas, na verdade, e ao que parece, pelo menos por parte da imprensa paulista, a descrença ainda persistia, no entanto, há uma hipótese de ter vindo à tona uma antiga rivalidade futebolística entre paulistas e cariocas. Na Copa do Mundo de Futebol de 1966, o técnico paulista Vicente Feola acabou sendo um dos responsáveis pela fraca campanha da seleção naquele certame, mas ainda assim a imprensa paulista também não viu com bons olhos a contratação de um técnico carioca (pois apesar de João Saldanha ser gaúcho, sua carreira como técnico se iniciou no Rio de Janeiro) para dirigir a seleção. Mas o que realmente se percebe, e que foi um fato até então no mínimo curioso, é que pelo menos na mídia impressa paulistana não houve divulgação significativa sobre a seleção nacional no período das eliminatórias, o que para Ribeiro e Almeida (2014), foi classificado como “obscurantismo” em que o governo controlava a publicidade de determinados assuntos por meio de suas agências de censura prévia.

Ao retornarmos novamente ao denominado “começo do fim” do cargo de treinador da Seleção Brasileira ocupado por João Saldanha, pode-se fazer uma relação com o referido obscurantismo no sentido de que, como a Seleção ainda não estava estampada nas primeiras páginas de revistas e jornais dentro de um notável ufanismo midiático – que viria somente no início da Copa do Mundo – certamente o

presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), João Havelange não teria maiores dificuldades em demitir Saldanha, uma vez que a própria grande mídia (destaca-se a tv Globo, jornal “O Globo” e revista “O Cruzeiro”) que apoiava os militares também se encarregou de ajudar a implantar a “crise” que findaria com a demissão de Saldanha.

Pode-se citar como exemplo uma entrevista do então técnico do Flamengo de Futebol e Regatas – Dorival Knipel, conhecido como “Yustrich” – concedida e publicada pela revista “O Cruzeiro” em que fez duras críticas à João Saldanha e, dentre outras coisas, questionou a legitimidade e competência de Saldanha para treinar a Seleção Brasileira (CHAIM, 2014). Isso foi considerado como o estopim para a queda de Saldanha que ao saber das referidas críticas se armou com um revólver e invadiu a sede do Flamengo à procura de Yustrich como descrito e polemizado na imprensa escrita:

Irritado pelas novas críticas que lhe foram feitas esta semana por Yustrich, João Saldanha armou-se de um revólver anteontem à noite e foi procurar o treinador do Flamengo, na Gávea, para tirar satisfações. O fato aconteceu antes das 22 horas. Quando Saldanha chegou ao estádio do Flamengo, sozinho, foi barrado pelo porteiro José Gomes da Silva, que não quis permitir sua entrada. Segundo as declarações do porteiro, o treinador da seleção o agrediu e em seguida entrou no clube, de revólver em punho. Entretanto, não encontrou Yustrich e retirou-se, sempre com o revólver na mão. (FOLHA DE SÃO PAULO, 14/03/1970. Primeiro caderno, p. 14)

A grande mídia ao veicular esses fatos parece ter intenção de polemizar a situação, no entanto, como os veículos de comunicação de massa geralmente são empresas particulares que visam lucro naturalmente, passam a sofrer pressões econômicas e notavelmente políticas o que era mais comum na época (THOMPSON, 2011). Neste caso há a hipótese do governo militar brasileiro exercer uma pressão sobre as mídias para que divulgasse as informações que lhe convinham e nesta situação seria bem útil desestabilizar o técnico João Saldanha já que o regime o considerava uma ameaça.

A situação obteve uma repercussão negativa para Saldanha e também para a CBD (dirigentes) que se preocupou muito com tamanha exposição a que fora submetido, “Apesar de ter recebido o apoio dos jogadores e colegas da comissão técnica da CBD, que reconheceram a legitimidade de defender-se das críticas públicas feitas a ele por outrem [...]” (CHAIM, 2014, p. 79).

Mas o fato é que, ao que tudo indica a demissão de João Saldanha se deu por conta desta somatória de fatores abordados que com o passar do tempo se interagiram e se agravaram, podendo citar como os mais relevantes o receio dos militares por Saldanha ser comunista, a sua atitude intempestiva para com as

críticas que recebia, o embate com o presidente Médici e a indisposição com Pelé quando o barrou do time alegando má fase. O que também se percebeu, foi um distanciamento de Saldanha da sua própria comissão técnica e dos seus jogadores, como afirma Guterman (2006, p.28), “Em pouco tempo, porém, o fato é que Saldanha isolou-se dentro da seleção”.

Neste sentido, nem mesmo sua popularidade como comentarista que o levou a ser o treinador da seleção e nem os bons resultados foram suficientes para garantir Saldanha no cargo, pois o desconforto de sua relação com dirigentes da CBD, membros da comissão técnica, jogadores e a própria mídia era grande e sua queda parecia ser iminente. Antônio do Passo, o então coordenador da seleção denunciou Saldanha à João Havelange pelo episódio da “caça a Yustrich” e irritara-se também com outra polêmica do treinador, e os relatos disponíveis sugerem que esta possa ter sido a real motivação para a queda do treinador: ele decidiu barrar Pelé (GUTERMAN, 2006).

Para Vilarinho (2014, p.27), não há dúvida quanto à intervenção dos militares na crise da seleção e atribui todo o ônus da queda de Saldanha à ditadura:

Militante destacado do Partido Comunista Brasileiro, ele era uma ameaça e mais: não se admitia que um militante do quilate do Saldanha voltasse com a Jules Rimet nas mãos, voltasse nos braços do povo. A vitória não poderia ser atribuída a um líder opositorista, a uma figura inimiga do regime "nazista" que vigorava no Brasil. A demissão foi minuciosamente arquitetada pela ditadura militar de 64, a mesma que teria aprovado o nome do treinador para assumir o cargo de comandante da seleção.

Contudo, ao analisarmos toda essa polêmica, parece estar claro que João Saldanha colocava seu próprio cargo em xeque sempre que agia de forma temerária diante dos questionamentos sobre seu trabalho frente à seleção, o que fazia parte de sua forte personalidade, desta maneira o governo militar da época se deparou com uma situação que lhe foi muito conveniente passando a exercer a partir daí uma pressão sobre a CBD para demiti-lo do cargo uma vez que não confiava em um militante de esquerda no comando da seleção brasileira de futebol.

A seguir faremos uma análise da Copa do Mundo de Futebol de 1970 no contexto do gênero da assistência do lazer com observações dos aspectos culturais da assistência ao futebol no Brasil bem como seus valores e significados.

4.2 A Copa do Mundo de Futebol 1970 no contexto do Brasil e o gênero da assistência do lazer

Após a decretação do AI 5 em dezembro de 1968 (ato institucional do governo militar de Costa e Silva, considerado como um duro golpe contra a democracia) deu-se início ao período mais agressivo do regime ditatorial brasileiro e que também ficou conhecido como “anos de chumbo” por conta do autoritarismo, repressão e crimes de tortura. Neste contexto, uma parte considerável do lazer vivenciado pela população naquela época se dava por meio do gênero de assistência ao futebol, onde pode-se dizer que, como ressalta Daolio (1997), “A sociedade brasileira – não é exagero dizer – está impregnada de futebol [...]”, “Pretendemos considerar aqui o futebol como algo além de um mero esporte, objetivando o lazer de quem o pratica ou de quem o assiste” (p. 102). Constatamos na fala de Daolio (1997) o quanto o brasileiro tem estima pelo futebol e este por sua vez vem a se tornar um conteúdo efetivo do contexto do lazer em sua vida cotidiana, especificamente no gênero denominado assistência.

Consideramos aqui a assistência televisiva e também a presença do público nos estádios. A Copa do Mundo de Futebol de 1970 ficou conhecida como a “Copa da TV a cores” o que veio a popularizar este veículo de comunicação de massa no Brasil justamente nesta época: “Somente na Copa de 1970 que os brasileiros assistiriam aos jogos ao vivo via satélite à telespectadores de 16 estados e o distrito federal” (FERREIRA, 2014, p. 93). Com o objetivo de integrar o Brasil através do futebol a CBD em 1970 já pensava em organizar um campeonato nacional de clubes, no entanto, foi a boa companha da seleção brasileira nas eliminatórias no ano de 1969 que fez com que o governo incentivasse a comercialização de televisores no ano seguinte (RIBEIRO e ALMEIDA, 2014). A transmissão iria influenciar diretamente na assistência aos jogos da Copa do Mundo de Futebol de 1970 no Brasil, pois além do incentivo governamental aos cidadãos para a aquisição do aparelho de tevê havia também a grande expectativa pela estreia da transmissão ao vivo e pela televisão a cores. Nesta subdivisão de assistência do lazer poderíamos também acrescentar as pessoas que acompanhavam aos jogos da seleção brasileira pelo rádio, uma vez que naquela época a televisão (e nem mesmo o rádio) não era um eletrodoméstico dito popular, sobretudo nas regiões mais distantes do sudeste do Brasil e também no interior.

Para Teixeira (2009, p.17):

Torcer pelo Brasil criaria possibilidades maiores de incorporação de um espírito cívico que se articulava com os discursos assumidos pelo regime militar, do amor à pátria acima de qualquer coisa e de que aqueles que governavam o país pensavam antes de tudo no bem de sua população.

Contudo, toda essa paixão e ufanismo futebolístico vivenciado poderia contribuir convenientemente para a prática do lazer como “[...] simples assimilador de tensões ou alguma coisa boa que ajude a conviver com as injustiças sociais” (MARCELLINO, 1987, pg.41) e, com isso, o consequente desvio das atenções ao grave problema social vivido pela sociedade da época. Isso na visão de Marcellino (1987), remete a uma visão de negação do lazer, através de simples atividades consumidas alimentando de certa forma a alienação:

Dessa forma, o lazer seria uma “[...] construção ideológica, sob a qual o antilazer se aproveita para penetrar mais eficazmente no modo de vida das pessoas, com o objetivo de mantê-las perfeitamente integradas na sociedade industrial e urbana”. Ou no dizer de Pascal, como “[...]o ruído que nos desvia de pensar na nossa condição e nos diverte”; ou, ainda, dito de outra forma, como instrumento de dominação (p. 42).

Esta citação de Marcellino (1987) está alinhada à condição de opressão e censura vivenciada pela população da época por um regime ditatorial severo que buscava obter total dominação e controle da situação, neste sentido, o povo possivelmente encontrou na assistência à seleção brasileira de futebol uma forma de distração e esquecimento dos graves problemas políticos. No entanto, não queremos aqui deturpar a imagem do futebol, limitando-o a “ópio popular”, isto seria ignorar o futebol como componente importante da cultura brasileira e mundial, Da Matta et al (1982) advertem que esse ponto de vista contribui para a compreensão do futebol como desvinculado da sociedade. Ou seja, futebol e sociedade se encontrariam em oposição, como se o primeiro fosse prejudicial ao segundo.

Entretanto, como vimos no início dessa parte de resultados II, de fato, havia um controle do regime ditatorial junto à seleção brasileira e que durante a trajetória vitoriosa rumo ao título de campeã mundial de futebol e também no pós-Copa os militares iriam fazer uso da imagem positiva deste selecionado, em benefício próprio como veremos adiante. Ressalta-se que Daolio (1997) faz uma menção a este episódio:

O Brasil passava naquela época por um período de ditadura, repressão e censura e achavam algumas facções políticas, com alguma razão, que uma vitória brasileira seria utilizada pelos militares para divulgar o sistema político vigente, ocultando da grande massa os reais problemas existentes no país. Esse fato pode, em alguma medida, ter acontecido, mas não é possível concluir daí que o “futebol é o ópio do povo” (p. 103).

O autor deixa claro a importância de saber identificar essas diferenças, pois apesar de o futebol e o esporte serem os fenômenos sociais que são, sempre despertaram ao longo da história e inclusive na contemporaneidade um grande interesse político, mas pode-se dizer que, de certa forma, se trata de um processo natural e o que há de mais relevante nisso é obter um olhar crítico frente a estas situações, não aceitando que o governo possa manipular os atletas e usar o esporte como instrumento de propaganda de um sistema político que pode não ser o mais sensato e benéfico para a população.

Uma relação que pode ser feita é a do estudo de Elias (1992) entendendo assim que o futebol poderia sim, ser visto como um espaço propício para liberação das tensões enfrentadas no cotidiano, sobretudo naquela sociedade da época vigiada e sem direito de expressão... Durante a assistência à uma partida de futebol em um estádio, por exemplo, possivelmente poderia haver especificamente no momento do “grito de gol” o surgimento da catarse e a libertação de tensão, apesar de que, naquela época certamente o torcedor apresentava uma postura mais contida devido a todo contexto político vivido.

Marcellino (1987), destaca que o lazer deve ser entendido como uma real possibilidade de transformação social com um olhar crítico sobre todo o contexto vivenciado pela sociedade em que está inserido, se posicionando de maneira crítica às visões funcionalistas, utilitárias e compensatórias, sendo contrário à postura do poder público que ao realizar investimentos em lazer, se utiliza de inúmeros subterfúgios colocando-o dessa forma sempre em segundo plano. Neste sentido, ele sugere que o Estado deveria construir políticas públicas que possam propiciar maiores possibilidades de oferta do lazer e que o mesmo possa ser, de fato, vivenciado pelas pessoas e isso inclui uma diminuição na jornada de trabalho, transporte público de boa qualidade, parques públicos com maior estrutura etc.

Apesar do governo militar da época ter investido muito em estruturas esportivas e centros educacionais de qualidade como a Escola de Educação Física do Exército, é nítido que muitas dessas ações famigeradas estavam atreladas à utilização do futebol como um pilar de sustentação do regime (CHAIM, 2014). O problema é que se trata de ações isoladas a um dado momento, com características utilitárias e que se resumiam basicamente a somente uma modalidade esportiva que era o futebol.

Uma outra situação que preconizou literalmente uma promoção governista foi o fato do presidente Médici autorizar por meio de um decreto de ponto facultativo nas repartições públicas federais e flexibilizou as grandes concentrações populares em locais públicos – o que não era permitido desde o início do regime – por conta da vitória brasileira na final da Copa do Mundo de Futebol frente a Itália: “O presidente Médici decretou ponto facultativo nas repartições federais de todo o país nos dias de hoje, segunda – feira e amanhã, terça-feira.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 22/06/1970, 1º Caderno, p. 1). Em São Paulo: “Há mais de seis anos não se via uma concentração popular tão grande como a de ontem no Anhangabaú”. No Rio de Janeiro: “Uma loucura. Sem lei e sem documento, o carioca vibrou como sempre quis, sem qualquer repressão legal” (FOLHA DE SÃO PAULO, 22/06/1970, 1º Caderno, p. 1).

Contudo, deduz-se, então, que os atos institucionais decretados pelos militares poderiam ser flexíveis desde que a situação fosse conveniente para eles, ou seja, dentre os inúmeros significados do fato da seleção brasileira ter se consagrado tricampeã mundial, um deles, sem dúvida, era de que o país estava no caminho certo e o regime ditatorial não poderia ser contestado e na teoria era perfeitamente justificável a postura truculenta e extremamente repressora aos denominados “terroristas comunistas” que para o governo pretendiam desestabilizar a união nacional; e o decreto do presidente Médici de ponto facultativo nas repartições federais se apresenta como um amplo contraste no sentido de que talvez o mais sensato seria uma legítima política pública de adequação da jornada semanal de trabalho, a fim de que as pessoas possam desfrutar do conjunto de atividades do contexto lazer, imbuídas de criticidade perante as desigualdades sociais.

Para DaMatta et al (1982) o povo brasileiro incorpora o futebol de uma forma como se este retratasse o cotidiano da vida real onde há dor, alegria, oscilação, vitórias, derrotas, engajamento, competição etc., apresentando-se também como uma forma de manifestação, permitindo assim que qualquer indivíduo possa falar de “igual pra igual”, independente de classe social. Este também é o discurso de Fernandes (1994, p. 1-2):

Os povos elaboram sua identidade através de suas paixões ou de seu recolhimento. Às vezes, camadas ou classes sociais distintas não se sensibilizam da mesma forma. [...] No Brasil, nada conduz à loucura como o futebol. Durante pouco tempo atividade refinada, irradiou-se por toda a sociedade e tornou-se o emblema da hegemonia popular sobre a ‘cultura das elites’. Estas submeteram-se ao seu desnivelamento e construíram em torno do futebol uma arena de poder, de lucros e de mando, como atestam carreiras políticas, administrativas e financeiras. Não é por aí, todavia, que se aprende algo profundo sobre o ‘caráter nacional’. Este se evidencia no mundo dos sonhos e de ilusões que arranca o futebol. Primeiro, no conceito de arte, que lhe é aplicado como qualificação mestra. Segundo, no significado que recebe entre jogadores e nas suas

relações com os torcedores. [...] Trata-se de um mundo no qual o profano, a magia e a religião se confundem e quebram a rotina da miséria, da ignorância e da opressão, ainda que por alguns instantes e graças à fantasia.

Essas teorias nos conduzem a um maior entendimento para compreender a sociedade brasileira em um sentido mais amplo, e inclusive o porquê do futebol surgir como conteúdo físicoesportivo do lazer em seu gênero de assistência e também da prática, dentre um dos mais vivenciados pela população brasileira. Mas como nossa discussão de momento é sobre o contexto da Copa do Mundo de Futebol de 1970 vamos nos ater especificamente à assistência, pois, de fato, as atenções do povo brasileiro estavam voltadas para a trajetória da seleção brasileira no mundial e a forma da população acompanhar aos jogos na época era basicamente via rádio – eletroeletrônico – mais popular na época – e também a televisão, apesar de ainda não ser tão popular como na atualidade. Sendo assim, era bastante comum as pessoas se reunirem na casa de vizinhos que tinham TV para assistir aos jogos, os centros comunitários das pequenas cidades também se apresentavam como uma boa opção. Nota-se que desde essa época – o regime político ditatorial havia contribuído significativamente para isso – o ambiente doméstico se retratava como principal equipamento não específico de lazer, e atualmente, apesar de agora os motivos serem outros como a violência, por exemplo, vive-se uma situação bastante parecida à da época como aponta Marcellino (2008),

Todas as pesquisas dão conta de que a grande maioria da população desenvolve suas atividades de lazer, prioritariamente, no ambiente doméstico. O lar é o principal equipamento não específico de lazer, ou seja, um espaço não construído de modo particular para essa função, mas que eventualmente pode cumpri-la. Nessa mesma categoria figuram os bares, as ruas, as escolas etc. (p. 17)

Essa citação do autor nos remete a uma situação bastante curiosa e bem característica da cultura brasileira que está relacionada ao futebol: durante os jogos da Copa, até os dias de hoje, as pessoas enfeitam suas casas com as cores verde e amarelo, preparam uma bebida e convidam os parentes e amigos para uma confraternização, neste momento o lar se torna o denominado equipamento não específico de lazer, que apesar de não ter sido construído para realizar tal função, ocasionalmente a executa muito bem.

É válido destacar que o momento vivido pelo Brasil no início da década de 1970 era próspero, com o investimento do capital estrangeiro tendo como garantias os recursos naturais do país, o crédito era grande, houve um crescimento considerável do PIB (produto interno bruto) e as indústrias multinacionais automobilísticas geravam muitos empregos; este período ficou conhecido como milagre econômico, apesar de muitas controvérsias como o fato da situação ter gerado o êxodo rural e aumentado a situação de miséria nas capitais brasileiras e também a dívida externa. Em decorrência disso, houve um aumento significativo na venda de aparelhos de TV, com incentivos do governo no incremento do crédito financeiro. Segundo Guterman (2006), o total de aparelhos de TV no Brasil cresceu de forma exponencial, em 1960, 9,5% das residências urbanas dispunham de TV, em 1970, o percentual foi para 40%.

Com isso, a televisão que já era – juntamente com o rádio – um dos maiores veículos de comunicação de massa existente e também de fonte expressiva da indústria cultural, possivelmente se torna uma das maiores opções de lazer – em seu gênero de assistência – da sociedade da época, dessa forma, o regime não poupou esforços para investir em propaganda relacionada ao futebol e, conseqüentemente, à seleção brasileira durante a Copa do Mundo de Futebol como aponta Ribeiro e Almeida (2014, p.9), “Durante todo o mundial, o Brasil foi destaque e os militares aproveitaram para ampliar as campanhas nacionalistas, com o propósito de evidenciar um governo democrático, de ordem e progresso”.

Apesar da maioria dos estudos em lazer destacar o gênero da prática do lazer – ou seja, procura-se salientar a importância da vivência de atividades do contexto do lazer, e sobretudo, no conteúdo físicoesportivo, onde está inserido o futebol, como aponta Stigger (1997) – é válido salientar que o futebol devido à sua significativa influência em nossa cultura, se apresenta como uma fonte inesgotável de experiências e certamente teremos inúmeras possibilidades de fruição, dessa forma Silva e Velozo (2015, p. 27) destacam que “O futebol pode ser vivenciado de diferentes formas, tanto no alto rendimento como no lazer”. Neste sentido, é interessante que as pessoas tenham as alternativas de escolha – e certamente para que se tenha uma vivência completa seria fundamental experimentar todas elas – dentre os denominados três gêneros do lazer que são a assistência, a prática e o conhecimento (SILVA e VELOZO, 2015).

Embora não existam estudos quantitativos com dados estatísticos e fontes consistentes, possivelmente na década de 1970, no Brasil, a assistência ao futebol era uma opção com muita adesão popular, principalmente por conta do momento de extrema repressão política da época, como por exemplo, uma maior permanência

das pessoas em suas casas durante o “tempo livre”, a proibição de equipes amadoras vinculadas ou patrocinadas pelos movimentos esquerdistas, e apesar do investimento em estruturas esportivas pelo governo militar estas ainda não se apresentavam de forma satisfatória num atendimento popular universal e democrático. Até mesmo a assistência também sofria repressão da ditadura, dentro dos estádios haviam agentes infiltrados com objetivo de coibir alguns protestos como aconteceu no final da década, sendo o mais conhecido deles a “democracia corinthiana” como descreve Neto (2016, p.8) ao se referir sobre uma das torcidas organizadas do Corinthians: “A Gaviões da Fiel, torcida organizada do Corinthians, levava para os estádios faixas que pediam o fim da ditadura, gerando muitas vezes um tumulto, pois os agentes infiltrados perseguiram os torcedores que seguravam as faixas”.

Contudo, a assistência televisiva ao futebol e à Copa do Mundo de Futebol de 1970 se apresentava como uma alternativa mais viável devido a alguns fatores como já vistos anteriormente, dentre eles os inventivos do governo na aquisição do aparelho televisivo na época, a situação econômica favorável pela qual passava o país etc. Além de tudo, o maior atrativo foi a situação de ter sido a primeira Copa do Mundo de Futebol a ser transmitida ao vivo e em cores para a população:

A copa de 1970, não ficou marcada exclusivamente pelo tricampeonato, mas pela transmissão de jogos da seleção ao vivo e a cores pela televisão. Ver a seleção brasileira jogar virou um evento naquele momento, principalmente pelas vitórias e pelos gols de Pelé. Ao som da “marchinha” de carnaval, “Pra frente Brasil”, a ditadura abusava da conquista, mostrando que todo o país estava no “rumo certo” (NETO, 2016, p. 6).

Além do destaque à transmissão da TV ser feita ao vivo e em cores e a crítica ao oportunismo da ditadura diante da vitória da seleção brasileira, essa citação pode nos levar a uma reflexão no sentido de que, ao descrever que assistir os jogos da seleção naquele momento “virou um evento” é provável que o autor esteja se referindo à palavra “evento” como sinônimo de festividade, comemoração ou espetáculo – o que realmente estava se concretizando durante a Copa do Mundo de Futebol de 1970, uma vez que a equipe brasileira além de estar vencendo todos os jogos, ainda o fazia com excelência, ou seja, dava um verdadeiro espetáculo à parte incluindo belos gols e jogadas sensacionais de Pelé e companhia. Neste caso, percebe-se o caráter versátil do futebol no sentido de que ele é patrimônio cultural da sociedade brasileira, ele é parte das atividades do contexto do lazer e um elemento da cultura corporal de movimento, em todas as suas nuances posto que é arte; o futebol inspira a arte como às pinturas de quadros, crônicas literárias,

dramaturgia e o cinema, como na fala de Daolio (1997, p.49), “Outro fato que vale destacar é a quantidade de obras artísticas que, direta ou indiretamente, retratam o futebol, incluindo-se músicas, quadros, filmes, peças de teatro, fotografias, livros, poesias [...]”; sendo assim, não o concebemos aqui somente como um conteúdo físicoesportivo com fim em si mesmo, o futebol é, de fato, um componente da cultura e a assistência aos jogos da seleção brasileira naquela Copa do Mundo de Futebol expressava um conjunto de significados, inclusive a satisfação, fruição e alegria, como bem define Marcellino (1990, p.31) sobre o lazer:

[...] a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” desta vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação.

Contudo, percebemos a importância que se tem em primar para uma assistência crítica e criativa no âmbito do lazer, e procurar evitar uma atitude de nível elementar e conformista perante os problemas sociais enfrentados em qualquer tempo é uma opção, no entanto, apesar de apontarmos aqui algumas críticas à postura situacionista da ditadura militar com relação a imagem positiva da seleção brasileira de futebol, não relacionamos a imagem do futebol como sendo um esporte alienante e nem tampouco o dito “ópio popular”, mas concordamos com DaMatta et al (1982) ao dizerem que o futebol não pode estar desvinculado da sociedade:

Essas são algumas das questões que devemos responder quando pensamos no futebol do Brasil e no esporte em geral como uma atividade da sociedade e não como uma atividade em oposição ou competição com a sociedade. Enquanto uma atividade da sociedade, o esporte é a própria sociedade exprimindo-se por meio de uma certa perspectiva, regras, relações, objetos, gestos, ideologias, etc., permitindo, assim, abrir um espaço social determinado: o espaço do esporte e do jogo (p. 24).

Conclui-se, então, que como o próprio autor salienta, não existe um embate entre futebol e sociedade ou entre esporte e sociedade, o que ocorre é que tanto a assistência como a prática, não só do futebol, mas de qualquer esporte é uma situação em que os valores e aspectos que caracterizam as manifestações do contexto do lazer certamente se fará presente e como preconiza Marcellino (1987), sempre dentro de uma perspectiva de ser vivenciado como uma possibilidade de transformação social.

4.3 Os Aspectos Simbólicos da Copa do Mundo de Futebol de 1970

Como já descrito anteriormente é muito nítida a influência exercida pelo futebol na cultura brasileira. Diante da identificação das pessoas com a seleção nacional é possível de se fazer uma analogia entre uma seleção de futebol que representa seu país com um ritual religioso ou até mesmo a uma religião propriamente dita, como aponta Byington (1982, p. 3):

A comparação pode chocar, mas tais espetáculos têm simbolicamente a mesma função psicológica que as religiões: ligar a consciência às suas raízes, ou seja, ao arquétipo central do self, organizador do desenvolvimento psicológico da alma individual e coletiva. Prova disso é que, em inúmeras culturas, estes espetáculos existiam como um ritual propiciador dos deuses, como bem exemplificam os jogos olímpicos dedicados a Zeus.

Como a própria citação expressa, de início a referida comparação pode ser mesmo chocante, principalmente para o conservadorismo que se faz muito presente neste campo, no entanto, e se bem observarmos uma equipe de futebol, esta realiza verdadeiros ritos, como por exemplo, ao adentrar no estádio com todos jogadores uniformizados e perfilados para o solene momento de entoação do hino nacional; ora, trata-se de um protocolo bem semelhante a algumas cerimônias ou cultos religiosos onde também pode-se perceber que a maioria delas são compostas de vários momentos majestosos e formais.

Figura 07



(seleção brasileira de futebol de 1970)

De fato, o futebol como fenômeno social está arraigado na nossa cultura, ele certamente contém estes símbolos citados pelo autor na medida em que interage com toda sociedade, e a seleção nacional provavelmente simbolizava a própria “nação de chuteiras”, que também entra em campo, sofre, cai, levanta, corre, supera o adversário e marca o gol, dessa forma, o brasileiro se apropria do futebol como fonte de individualização no sentido de esquivar-se das derrotas cotidianas e ser protagonista do próprio destino no imaginário de sua vontade individual como bem salienta DaMatta (1982):

Do mesmo modo e pela mesma lógica, é dentro de um time de futebol que um membro dessa massa anônima e desconhecida pode tornar-se uma estrela e assim ganhar o centro das atenções como pessoa, como uma personalidade singular, insubstituível e capaz de despertar atenções. Sendo assim, são muitos os jogos de futebol que, no Brasil, permitem sua "leitura" enquanto paradigmas de um combate entre as Forças coletivas e impessoais (do destino) e as vontades individuais que buscam escapar do ciclo da derrota e da pobreza (p. 27).

A teoria do antropólogo Roberto DaMatta corrobora com a ideia de que o torcedor brasileiro se vê no espetáculo dentro de uma harmonia plena – referindo-se especificamente ao jogo – e de uma maneira ativa e completa. Diante do exposto, se percebe nitidamente alguns importantes significados e representações atribuídas à imagem da seleção brasileira de futebol pela sociedade no Brasil não somente na década de 1970 mas também na contemporaneidade, como por exemplo os pôsteres afixados em paredes de bares ou outros estabelecimentos comerciais.

Passemos a refletir mais profundamente sobre os elementos simbólicos relacionados à política no esporte e lazer no contexto da Copa do Mundo de Futebol de 1970 no Brasil; pois bem, quando nos referirmos a palavra “política”, subitamente vem a ideia de governo, administração, organização e até mesmo regime (que era a nomenclatura específica usada na época aqui tratada), porém, ao nos atermos novamente à citada palavra, em termos de classe gramatical ela se trata de um substantivo feminino e possui como sinônimo o sentido de governo (como já descrito), ciência, diplomacia e finalmente “astúcia”; neste sentido o esporte, sobretudo o futebol, como fenômeno social sempre despertou a atenção do governo: “leia-se política” tanto em regimes democráticos como antidemocráticos, pois este poderia ser utilizado como instrumento para promover o próprio governo, ou seja, instrumento de promoção política; ocorre que, no caso do contexto vivido pela sociedade brasileira no ano de 1970, o regime – apesar do crescimento econômico – vivia o seu momento de maior truculência até então, adotando para com seus opositores um tratamento que se resumia em extrema censura e violência incluindo

a tortura, prisão, exílio e morte como ressalta Chaim (2014):

As insatisfações sociais que rodeavam a presidência de Costa e Silva durante o ano de 1968 explodiram quando o estudante Edson Luís foi assassinado, em 28 de março de 1968, num choque entre polícia militar e estudantes que reivindicavam a melhoria da comida do restaurante 'Calabouço', no Rio de Janeiro. A partir deste evento que chocou o país, os estudantes constituíram a vanguarda do movimento de contestação que se manifestou na forma de greves, comícios, passeatas, e mesmo de choques violentos com as forças repressivas (p. 25).

Neste sentido, o início da participação da seleção brasileira de futebol no mundial de 1970 disputado no México, viria bem a calhar, principalmente diante de tamanha tensão social vivida naquele momento no país; isso somando-se ao advento das primeiras vitórias da seleção e a conseqüente imagem positiva que era passada, o que antes viria a calhar agora se tornava empreendimento e porque não dizer, uma astúcia (leia-se política) patrocinada pelo regime. Dessa forma, não somente as referidas características, mas também a simbologia, ou seja, a representatividade e os significados alusivos à seleção brasileira pela sociedade eram bastantes consistentes e certamente não iriam de modo algum passar despercebidos pelo regime ditatorial da época.

Para exemplificar essa situação temos o uso da imagem (figura 08) dos jogadores Rivelino, Gerson e Tostão da seleção brasileira de futebol de 1970 com o irônico slogan "nessas esquerdas o Brasil confia" em revista de ampla circulação comercial sugerindo que o comunismo e os movimentos de militância "esquerdistas" representavam uma ameaça à nação e não eram confiáveis, no entanto, aqueles jogadores de notável habilidade com a perna "esquerda" mereciam a confiança do povo brasileiro para alcançar o objetivo maior: o "tricampeonato"!

Figura 08



(Jogadores: Tostão, Gerson e Rivelino da seleção brasileira de futebol de 1970)

Para Bracht (2005), existem algumas características do esporte de alto rendimento ou espetáculo – assim era visto os jogos da seleção brasileira de futebol naquela época – que os tornam atrativo aos olhares do Estado, como por exemplo, o fato de se apresentar com regras relativamente fáceis, como uma atividade de fácil compreensão e de características bastante peculiares como a imprevisibilidade de resultados, a situação de uma equipe inferior tecnicamente conseguir vencer outra de técnica mais apurada etc. Tudo isso, além de oferecer um componente de apreensão emotiva, se adapta muito bem às características da comunicação de massa e a indústria do entretenimento; neste sentido, este autor ressalta ainda o caráter simplício da linguagem futebolística que torna possível que “um jogo de futebol seja entendido e apreciado tanto aqui no Brasil, quanto na China, por exemplo [...]” (*ibidem*, p. 73).

Ao analisarmos esta teoria, talvez possamos fazer uma analogia com às aparições públicas – durante e após o período da Copa do Mundo de Futebol de 1970 – do então presidente brasileiro Emílio Garrastazu Médici jogando bola, levantando a taça Jules Rimet e com a bandeira nacional cobrindo suas costas (figura 09 e 10); essa comparação seria no sentido de que assim como o futebol é visto como um esporte de fácil interpretação com relação à linguagem, a imagem do

presidente Médici também seria facilmente associada à de um cidadão e torcedor comum que pratica o futebol no tempo disponível, que torce com paixão e que se sente também um campeão ao erguer o troféu conquistado pela seleção. Neste sentido, DaMatta (2007, p.27) ressalta que “[...] o futebol é, na sociedade brasileira, uma fonte de individualização e possibilidade de expressão individual, muito mais do que um instrumento de coletivização ao nível pessoal ou das massas”.

Pode-se dizer que este é um forte elemento simbólico, pois em um país que possui uma cultura impregnada de futebol quando a figura de um chefe de Estado, um presidente da república de um regime militar sugere ser a de um torcedor comum isso certamente provoca a admiração popular dos torcedores brasileiros anônimos, que se identifica com seu maior representante político. Ora, é óbvio que uma situação dessa não passaria despercebido aos olhos do regime, pois em tempos de tamanha repressão era necessário que pelo menos a maior liderança política da nação expressasse uma simpatia e identificação popular.

Figura 09



Presidente Médici comemora o tricampeonato da seleção brasileira no Palácio do Planalto

Figura 10**(Presidente Médici ergue a Taça Jules Rimet no Palácio do Planalto)**

Em um país com um povo tão apaixonado pelo futebol, no decorrer de uma Copa do Mundo, não somente toda nação costuma se abreviar dentro do selecionado nacional, mas também o próprio futebol... Para citar um exemplo claro basta lembrarmos das perguntas que fazemos ou que nos fazem no dia seguinte de um jogo da seleção brasileira: “você viu a seleção?” ou “você viu o Brasil?”. Seguindo essa linha de entendimento a seleção simbolizava toda a esperança de um povo e, neste sentido, uma foto, um pôster ou uma obra de arte da equipe era um objeto precioso e geralmente guardado com muita precaução. Segundo Thompson (2011):

[...] o uso de símbolos é um traço distintivo da vida humana. Os seres humanos não apenas produzem e recebem expressões linguísticas significativas, mas também conferem sentido a construções não linguísticas - ações, obras de arte, objetos materiais de diversos tipos (p. 174).

O autor salienta que a utilização de símbolos é uma peculiaridade da humanidade e que esta atribui significados às obras de artes e objetos materiais variados de diferentes tipos. Ao falarmos de futebol no Brasil, não raro encontra-se uma flâmula com o escudo do time de coração pendurado na parede do quarto do torcedor, também é muito comum nos depararmos com um pôster da equipe afixado em um local de destaque na residência, mas geralmente dentro do próprio quarto mesmo; dependendo da classe social pode-se encontrar um afresco ou pôster em

uma moldura de um quadro na área de lazer da casa, esse costume também é muito comum em bares que, às vezes, transformam-se em verdadeiros redutos de torcedores: são os bares temáticos dos grandes clubes do futebol brasileiro. No interior destes estabelecimentos pode-se encontrar um pouco da história de cada clube através dos pôsteres afixados nas paredes que revelam os campeonatos mais expressivos conquistados por essas equipes.

Podemos citar como exemplo um símbolo de construção não linguística e que todos amantes do futebol costumam conferir um sentido de valor simbólico imensurável: uma camisa usada por um jogador que conquistou um título importante para sua equipe. No museu do futebol no Estádio do Pacaembu em São Paulo podemos apreciar a camisa que Pelé usou (figura 11) no jogo da final da Copa do Mundo de 1970 contra a Itália e marcou o primeiro gol da vitória brasileira por 4 x 1; neste local encontramos também imagens em monitores de cartazes de época (figura 12 e 13) representando o ufanismo e extremo nacionalismo sugerido pelo governo militar da época, onde a imagem positiva e o êxito da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1970 é associada ao regime autoritário de Médici que utilizava frases de efeitos como a conhecida “Brasil: ame-o ou deixe-o” que sugere uma condição de anuência da população para com os planos do governo. Já no slogan: “Ninguém segura este país” divulgado na semana da pátria em setembro/1970 fica nítida a aproximação do governo com a seleção brasileira de futebol que havia se sagrado campeã mundial naquele ano.

Hoje em dia se pode ouvir discursos nacionalistas, sobretudo de pessoas que vivenciaram essa mistura de política e futebol em 1970, no sentido de que uma intervenção militar seria uma possível saída para a corrupção, no entanto, se faz necessária uma reflexão acerca do tema, principalmente no que diz respeito às ações de governos ditatoriais que na prática “furtam” o direito de expressão e opinião do povo.

Figura 11

(camisa que Pelé usou na final da Copa do Mundo de Futebol 1970 exposta no museu do futebol em São Paulo)

Figura 12



(“Brasil ame-o ou deixe-o” era a frase com que o governo autoritário de Médici exigia a adesão dos brasileiros a seus planos)

Figura 13



(cartaz da semana da pátria em 1970)

Contudo vimos que alguns importantes aspectos simbólicos observados por meio de imagens e cartazes de época sugeriam uma aproximação do governo militar brasileiro com a imagem positiva da seleção de futebol de 1970 que viria a conquistar o título mundial naquele ano no México, principalmente com relação a própria figura do então presidente do Brasil Emílio Médici que fazia um elo de ligação entre o povo e a seleção nacional representando um torcedor comum que tinha apreço pelo futebol. Certamente essas imagens posteriormente à conquista do tricampeonato vieram a ter um valor simbólico muito grande em função da identificação dos torcedores com as mesmas, e de acordo com Thompson (1974), apresentamos esse traço que nos distingue como seres humanos atribuindo vários significados a essas expressões simbólicas.

A seguir será apresentada uma análise da relação entre as Olimpíadas de 1936 e a Copa do Mundo de Futebol de 1970 por meio dos seus aspectos simbólicos.

5 RESULTADOS IV

A Relação entre as Olimpíadas de 1936 e a Copa do Mundo de Futebol de 1970 a partir dos seus aspectos simbólicos

Para fazermos uma comparação entre estes os eventos esportivos Olimpíadas de 1936 e Copa do Mundo de Futebol de 1970, a partir dos seus aspectos simbólicos, talvez seja necessário dispormos como um norte a propaganda estratégica governamental, pois acreditamos que este foi o principal ponto que desencadeou as expressões simbólicas. Posteriormente essas figuras representativas se apresentaram como acessórios que integraram a publicidade de ambos os governos (alemão e brasileiro). Mas o fato é que, a grande diferença entre estes dois episódios situou-se na questão eugenista promovida pela Alemanha nazista, pois a ideia naquela ocasião era construir uma imagem da nação alemã que fosse uma referência ao mundo – usando os Jogos Olímpicos – acerca do corpo perfeito, superior e a pureza da suposta raça ariana que pertenciam aos germânicos.

No contexto do Brasil durante e também no pós Copa do Mundo de Futebol de 1970 não se vivenciava uma questão racial, mas estritamente política e de cunho ideológico no sentido de que o regime militar prosperava e que tudo dava certo, sendo uma prova disso o país ter o melhor futebol do mundo representado pela imagem vitoriosa da seleção brasileira, talvez a melhor de todos os tempos. Neste sentido, a referida imagem foi usada constantemente como pano de fundo da ditadura brasileira, a qual interviu diretamente – como visto anteriormente – na então CBD (Confederação Brasileira de Desportos), entidade a que pertencia a seleção na época.

Ao falarmos sobre a propaganda política governamental disseminadas nos dois referidos eventos esportivos devemos direcionar novamente nosso foco aos aspectos simbólicos que se destacaram em ambos como o cortejo da tocha olímpica, o filme “Olímpia” de Leni Riefenstahl, o quadro geral de medalhas, a suástica, os aspectos gestuais de saudação etc, no caso das Olimpíadas de 1936 e, no evento futebolístico mundial de 1970, tivemos como exemplos de aspectos simbólicos o uso da imagem dos jogadores da seleção brasileira, o presidente Médici erguendo a taça Jules Rimet e jogando bola no Palácio do Planalto, os diversos cartazes de época que relacionavam o governo a vitória da seleção, o presidente Médici fazendo embaixadas com a bola em Brasília, foto dos jogadores Tostão, Gerson e Rivelino em uma revista de expressão da época ironizando que as únicas “esquerdas” que o Brasil confiava era com relação às pernas desses

jogadores.

Neste sentido, o papel do ministério da propaganda no governo de Hitler seria decisivo, pois havia sido criado estrategicamente para obter um alcance mundial na disseminação da ideologia eugenista e expansionista alemã. Assim, os jogos seriam a peça chave para este feito, pois se tratava da grande chance do nazismo mostrar ao mundo de maneira empírica – através da vitória nos Jogos – a superioridade do suposto arianismo... Por outro lado e não muito diferente, uma Copa do Mundo de Futebol vencida pelo Brasil, tendo como adversário uma equipe europeia projetava o país mundialmente e também tornava-se um grande cenário propagandístico para difundir o regime militar brasileiro como dinâmico e progressista.

Essa metamorfose de equipe esportiva em nação e a adequação do corpo do atleta como representante do sistema é bem descrita por Bracht (2005) quando cita o esporte como uma possibilidade de identificação com um coletivo e por intermédio da proporção dos rendimentos corporais dos atletas, as nações podem medir seus rendimentos de forma inequívoca, o que fornece um caráter político ao mecanismo da identificação. Este autor destaca ainda que, “Sucessos esportivos fornecem prestígio nacional. Tais sucessos testemunham que o sistema está em condições de resolver seus problemas tecnicamente de forma eficiente” (p.73).

Parece estar claro que este era um dos principais objetivos da ditadura brasileira quando usou como pano de fundo o triunfo da seleção nacional de futebol na Copa do Mundo de 1970, no entanto, a verdade era que o país vivenciava um problema social grave por conta da censura, repressão e perseguição política imposta pelo governo militar da época que, de fato, resolvia tecnicamente os “seus” problemas a seu gosto e a seu modo. Por outro lado, na ocasião dos Jogos Olímpicos realizados pelos nazista apesar da semelhança em relação às perseguições políticas e também do controle absoluto da população, o foco principal estava no corpo ariano alemão que simbolizava todo o sistema e também a ideologia de supremacia racial reivindicada pela Alemanha na época.

Uma das principais características dos regimes ditatoriais – como os que eram vivenciados na Alemanha durante as Olimpíadas de 1936 e no contexto do Brasil durante a Copa do Mundo de Futebol de 1970 – é obter o total controle sobre os veículos de comunicação de massa como jornais, rádios, cinema e televisão, pois é a partir deles que se tem fácil acesso à toda população do país. Neste sentido, esses veículos foram muito utilizados ou no mínimo influenciados pelos governos da época com o objetivo de difundir uma imagem positiva e manipular o povo a seu favor, sobretudo através de todos elementos simbólicos discutidos aqui.

Pode-se dizer que a maior parte do conhecimento que as pessoas têm hoje é, em sua maior parte, advindo de nossa recepção das formas simbólicas mediadas pela mídia, sendo assim até mesmo as informações das ações políticas – ou a maior parte delas – de nossos representantes chegam até nós através dos meios da comunicação de massa, a partir de então a maneira que agimos e participamos de todo processo político estará relacionada a tais referências (THOMPSON, 1974). Contudo, fica claro a dimensão do poder que a mídia possui em suas mãos, e para um governo que almeja controlar o seu povo é essencial adquirir primeiramente o controle da própria mídia.

O fato é que – no intuito de obter o referido controle – não somente a mídia deveria ser contida pelos militares mas também qualquer manifestação artística como músicas, peças teatrais, filmes, declarações de pessoas públicas. Podemos citar como exemplo (na década de 1970 no Brasil) o exílio de cantores como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque por comporem músicas que continham versos sugerindo a opressão imposta pela ditadura. Já outros cantores como Luiz Gonzaga, Roberto Carlos e Elis Regina possivelmente intimidados pelo regime, cantaram ao lado dos militares provocando a ira de cartunistas da época como Henfil que logo após tomar conhecimento de que a cantora Elis Regina havia feito uma apresentação em um quartel do exército, fez uma charge da artista sugerindo que ela havia morrido.

De maneira similar, a seleção brasileira também foi alvo da interferência da ditadura, não somente por conta do episódio da demissão do técnico João Saldanha como visto anteriormente, mas também devido ao uso da estampa dos seus jogadores, principalmente de seu maior astro, Pelé, que foi um dos jogadores com a imagem mais utilizada em favor do governo militar, que chegou a investigá-lo:

Pelé foi vigiado pelo governo militar, que temia ver a imagem do jogador utilizada por militantes de esquerda, contrários ao regime. Como Pelé era descrito como uma pessoa "apolítica", havia o receio de que ele pudesse ser usado pelos "guerrilheiros empenhados na Contra revolução" (RIBEIRO E ALMEIDA, 1994, p.18).

Na verdade, este era um procedimento padrão da ditadura militar brasileira que através do então Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) criado ainda na década de 1920, porém foi muito utilizado pela ditadura que por meio desta instituição investigava, interrogava e torturava qualquer pessoa que representasse uma ameaça ao regime. O decreto do Ato Institucional nº 5 em 1968 que dava plenos poderes ao Presidente da República e permitia que qualquer pessoa poderia

ser presa e ter sua residência invadida sem autorização judicial fez com que o governo censurasse a opinião da imprensa que jamais poderia dar publicidade de críticas ao governo. Essa situação fez com que ficasse totalmente obscura e sem esclarecimento a demissão do técnico da seleção brasileira João Saldanha.

Com referência à Alemanha, assim que o partido nazista chegou ao poder (na década de 1930) Hitler apostou muito na publicidade como estratégia para também obter o controle e domínio das massas. Como visto anteriormente, escolheu minuciosamente o seu ministro da propaganda Joseph Goebbels que ao assumir os encargos do ministério fez uso de eficientes técnicas de comunicação como treinamento da oratória e organização impecável de eventos do partido nazista. No entanto, o que teria mesmo sido determinante para a invasiva temática propagandística de Goebbels foi “[...] centralizar todo poder dos meios de comunicação e dispor à seu serviço, estabelecendo controle rigoroso e censura sobre seus conteúdos. [...] a propaganda seria o sistema de se manterem no poder” (CARRIÓN & GARCÍA, 2000, p.4).

Contudo, apesar da maior diferença entre esses eventos esportivos estar centrada na questão racial ocorrida nas Olimpíadas de 1936 na Alemanha Nazista, fica clara a semelhança das ações políticas dos governos ditatoriais da época que utilizaram a imprensa em benefício próprio, principalmente através do controle e da censura, e inteligentemente manipularam em seu favor, através de expressões simbólicas, o sucesso que ambos os países tiveram nos referidos eventos esportivos.

Há uma interessante analogia que pode ser feita com relação a uma das questões simbólicas destes eventos: uma delas é a imagem dos jogadores da seleção brasileira Tostão, Gerson e Rivelino como capa de uma revista de grande circulação na época (figura 08, p.57) e que obviamente só apresentava suas publicações após uma “filtragem” dos profissionais de comunicação a serviço da ditadura; já a outra também se refere à imagem do corpo no filme Olympia e no cortejo da tocha (figura 02,p.26). A análise que se faz é de que ambas expressões simbólicas empenham-se favoravelmente aos regimes ditatoriais de época dos dois eventos esportivos. Sobre a imagem dos jogadores da revista, havia um irônico slogan: “nessas esquerdas o Brasil confia” sugerindo que o comunismo e os movimentos de militância “esquerdistas”, opositores do regime, representavam uma ameaça à nação e não eram confiáveis, no entanto, aqueles jogadores de notável habilidade com a perna “esquerda” mereciam a confiança do povo brasileiro.

Obviamente que os cenários históricos de ambos eventos (Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, e Copa do Mundo de Futebol de 1970, no contexto do Brasil)

eram bem diferentes e, neste caso, certamente haviam também distinções entre os governos ditatoriais da Alemanha nazista de 1936 e do Brasil de 1970, no entanto, apontamos aqui algumas aproximações, sobretudo no que diz respeito à questão do autoritarismo militar, a censura, o ufanismo, algumas características do fascismo e o controle das mídias por parte de ambos os regimes políticos. Este último exercera um papel fundamental na questão propagandística de interesse do Estado, no caso brasileiro houve uma ampla associação do êxito da seleção brasileira de futebol com o regime ditatorial, ou seja, toda aquela publicidade sugeria que o governo brasileiro estava no caminho certo (vide cartaz de época página 70, figura 13). Já no caso da Alemanha, Joseph Goebbels, homem forte do governo de Hitler e ministro da propaganda nazista, demonstrou muita competência na organização das Olimpíadas de 1936, sobretudo com a participação da cineasta Leni Riefenstahl, responsável pelo filme “Olympia” criado exclusivamente para os Jogos de 1936. No longa metragem há uma parte que destaca-se a suposta pureza da raça ariana (a qual pertenciam os alemães) sugerindo o corpo perfeito, belo e saudável que estava pronto pra vencer qualquer desafio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos apontar como resultado a conclusão de que os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim, e a Copa do Mundo de Futebol de 1970, no contexto do Brasil, certamente não se apresentaram como uma opção de atividades do contexto do lazer. Nos Jogos de 1936, os sujeitos foram incentivados a uma atitude passiva dentro de um nível de participação elementar caracterizada por um certo conformismo (apesar das resistências detectadas) e uma visão funcionalista e utilitária de lazer, haja visto que o governo se apropriou do evento para difundir ao mundo sua propaganda de regime político racista (no caso da Alemanha) e totalitário. Não foram identificados registros de manifestações contrárias ao evento, por parte da população alemã. Há somente registros de alguns países que questionaram a realização dos jogos em Berlim por conta do extremismo político que já era vivido na Alemanha antes do ano das Olimpíadas, como a perseguição aos judeus, negros e homossexuais. A cidade de Barcelona realizou uma “Olimpíada Popular” no mesmo período dos Jogos Olímpicos em Berlim sinalizando, dessa forma, um protesto à política de segregação racial vivenciada na Alemanha de 1936.

Alguns elementos simbólicos identificados na literatura com relação às ações do governo de Hitler no contexto dos Jogos Olímpicos de 1936 foram: o cortejo/revezamento da tocha olímpica que pela primeira vez deixou a cidade de Olympia (berço dos jogos) com destino à cidade sede das olimpíadas de 1936, Berlim, sugerindo que os ideais gregos de civilização estavam se transferindo para os alemães, o destaque ao quadro de medalhas com a Alemanha em primeiro lugar, a saudação gestual à Hitler (braço direito estendido ao alto) dos atletas no pódio.

No caso da Copa do Mundo de Futebol de 1970, os elementos simbólicos identificados foram: o uso da imagem dos jogadores Rivelino, Gerson e Tostão da seleção brasileira de futebol de 1970 com o slogan “nessas esquerdas o Brasil confia” em revista de ampla circulação comercial, as imagens do então presidente Emílio Garrastazu Médici jogando futebol, levantando a taça Jules Rimet e com a bandeira brasileira cobrindo suas costas.

Para o autor Jofre Dumazedier (1980) quando o lazer não é resultado de uma escolha livre e se encontra submetido a fins lucrativos, utilitários ou ideológicos ele deixa de ser lazer e torna-se o que ele denomina de “semilazer”. A Copa do Mundo de Futebol de 1970 e os Jogos Olímpicos, no contexto da Alemanha de

1936, se encontravam impregnados por uma forte atividade institucional de um governo que estava convicto de que a prosperidade daquela nação dependia de uma política de segregação racial pautada pelo extremismo e intolerância no caso alemão e o outro que se utilizou da imagem positiva da seleção de futebol para auto afirmar o regime ditatorial e mascarar o período de maior perseguição e censura política até então vivido no país, no caso brasileiro.

O presente trabalho é uma contribuição para a área de Educação Física para a linha de pesquisa Pedagogia do Movimento e lazer do Programa de Mestrado em Ciências do Movimento Humano da Universidade Metodista de Piracicaba por gerar conhecimentos dentro de uma perspectiva de uma educação para o lazer a partir da conscientização de atletas profissionais (que emergem do lazer esportivo e das competições amadoras) e da população em geral, a fim de que os eventos esportivos não sejam usados como instrumentos de manobra, publicidade estatal e de fácil manipulação política, situando-se dentro de uma visão funcionalista e utilitária do lazer. Neste sentido, há uma colaboração para benefício das sociedades, governos atuais e futuros. Ressaltamos a importância de se ter uma escolaridade (Educação básica, Ensino Superior e dentro da própria pesquisa) de excelência nas nações para que os alunos tenham acesso ao conhecimento científico e que possam usá-lo para o bem comum dos cidadãos.

Quando o esporte é vivenciado de forma inclusiva, com criticidade e como forma de transformação social ele se torna um aporte para o estudo das relações de gênero, saúde, educação, construção de valores etc. Dessa forma, se torna também uma ferramenta como conteúdo do lazer para minimizar problemas sociais de modo a beneficiar as sociedades e a saúde da população. A pesquisa e a produção de conhecimentos relacionadas ao esporte tornam-se importantes, sendo indispensáveis que todas as ciências: biológicas, humanas e sociais possam ser complementares para o processo educativo com relação ao esporte. O estudo demonstra a importância de haver nas nações ações governamentais pautadas na ética e compromisso com a sociedade, sobretudo na elaboração de políticas públicas para o esporte e lazer. Não raro, esta área ainda é vista com certo preconceito e indiferença por muitas gestões públicas, nesse sentido se faz necessário uma maior aproximação entre parlamentares e os profissionais do esporte, professores de Educação Física e o próprio Conselho Federal que regulamenta a profissão.

A participação direta de pesquisadores que tratam a temática em cargos como secretaria de esportes e lazer, secretaria de cultura e desenvolvimento social, por exemplo, pode ser uma alternativa na construção conjunta de valores e novas ideias

no fomento de uma prática esportiva e vivência cultural de qualidade. Espera-se que possa surgir a criticidade e, conseqüentemente, a transformação social por meio do lazer como se refere Nelson C. Marcellino. Uma cultura esportiva pautada em aspectos inclusivos que viabiliza a liberdade de manifestação, expressão e opinião política tende a contribuir para um maior entendimento da população com relação as informações difundidas pelas mídias, no sentido de que se construa um plano de governo que contemple a publicidade responsável e comprometida com o desenvolvimento social de toda a população. Por conseguinte, o trabalho oferece uma contribuição aos governos presentes e futuros.

Ressaltamos que a pesquisa não é um trabalho de história da Copa do Mundo de Futebol de 1970 e, tampouco, dos Jogos Olímpicos de 1936, procuramos nos ater aos aspectos simbólicos que sugeriram a propaganda política governamental analisada e, para tanto, houve a necessidade da utilização de alguns elementos da história. É também válido apontar que, apesar da questão ideológica de supremacia racial reivindicada na época do nazismo já ter sido superada no mundo contemporâneo, atualmente no futebol profissional, sobretudo, na Europa vive-se uma situação de intolerância de muitas torcidas para com os jogadores negros. Sendo assim, espera-se que outros estudos complementares a este possam ser desenvolvidos, gerando conhecimentos para a conscientização da geração presente e também futura.

Uma vez que os eventos esportivos analisados nessa pesquisa estão situados em épocas e circunstâncias diferentes, entendemos que se faz necessário outros estudos contemporâneos relacionados ao tema, a fim de que seja realizada uma relação entre o passado e o presente destes que são considerados os maiores eventos esportivos mundiais e a partir daí traçar um diagnóstico para o atual cenário do esporte de alto rendimento atual.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- AGOSTINO, G. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.
- BERNETT, H. *O esporte no fogo cruzado de críticas*. Schorndorf: Karl Hofmann Verlag, 1982.
- BORGES, C. e Frank, E. *Franz Boas: As limitações do método comparativo em antropologia*. Periódico do Departamento de Ciências Sociais da UFRR. Textos & Debates. ISSN: 0100-6932. N° 4, v. 2, 1997.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BRACHT, V. *Sociologia Crítica do Esporte*. 3ª. Ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- BYINGTON, C. A. B. O Arquétipo da alteridade e a riqueza simbólica do futebol. *Revista Psicologia Atual*, ISSN 2179-1740. Ano 5 nº 25, São Paulo, julho de 1982. Última revisão em maio de 2006.
- CARRIÓN, C., GARCIA, N. J. *O que é a propaganda ideológica*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CHIARINI, J.J. *Os Espartanos e a Cultura*. Rio de Janeiro: Carioca, 1980.
- CHAIM, A. R. M. *A Bola e o Chumbo: Futebol e Política nos anos de chumbo da Ditadura Militar Brasileira*. São Paulo: 2014.
- CORNWELL, J. *Os Cientistas de Hitler: ciência, guerra e o pacto com o demônio*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- DA MATTA, R. et al. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.
- DAOLIO, J. *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- DUMAZEDIER, J. *Valores e Conteúdos Culturais do Lazer*. São Paulo: SESC, 1980.
- _____. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- EVANS, R. J. *O Terceiro Reich em Guerra*. São Paulo: Planeta, 2012.
- FERREIRA, J. F. P. *De (pre)potência olímpica à “invenção” do país do futebol: A política para os esportes do governo Emílio Garrastazu Médici (1969-1974)*. 218 fls. Tese. (Doutorado em História). PUC – SP, 2014.
- FERNANDES, F. *Futebol Onírico*. Coluna Opinião: Folha de São Paulo, 13/06/1994. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/13/opiniaio/7.html>> acesso em 21 set. 2017.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GLEYSE, J. A carne e o verbo. In: SOARES, C. L. *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas: Autores associados, 2007.

GUTERMAN, M. *O futebol explica o Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

HITLER, A. *Mein Kampf*. Trad. Klaus Von Puschén. São Paulo: Centauro, 2005.

HOPKINS, C. *A Ciência da Propaganda*. São Paulo: Cultrix, 1966.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. 5ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LE BRETON, D. *Sociologia do Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *Adeus ao Corpo*. Campinas: Papyrus, 2013.

LENHARO, A. *Nazismo: "O Triunfo da Vontade"*. São Paulo: Ática, 1986.

LISSOVSKY, M. "A fotografia como documento histórico", in *Fotografia; Ciclo de Palestras sobre fotografias*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1983. p. 117-126.

MAGALHÃES, L. G. *Ditadura e futebol: O Brasil e a Copa do Mundo de 1970*. PolHis. Revista Bibliográfica do Programa Interuniversitário de História Política, v. 5, n° 9, primeiro semestre 2012, ISSN 1853-7723.

MARCELLINO, N.C. *Lazer e Educação*. Campinas: Papyrus, 1987.

_____. *Lazer e Esporte: políticas públicas*. 2ª. Ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

_____. *Legados de megaeventos esportivos*. Campinas: Papyrus, 1ed, v.1, 2013.

MASSON, P. *A Segunda Guerra Mundial: história e estratégias*. São Paulo: Contexto: 2015.

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. 4ª. Reimpr. São Paulo: Cosacnify, 2013.

MILLIET, R. (Org.) *Vida que segue João Saldanha e as copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MINAYO, M. C. *Teoria Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOSTARO, F. F. R. *Jogos Olímpicos de Berlim: o uso do esporte para fins nada esportivos*. *Logos: Comunicação e Universidade*, Rio de Janeiro, v.19, n.1, pp. 95-108, 2012. Disponível em:

<<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/3283>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

NETTO, J. P. *Pequena história da ditadura militar brasileira (1961-1985)*. São Paulo: Cortez, 2015.

OLIVEIRA, C. I., RIBEIRO, L. B., WILKE, V. C. L. *A ciência e o poder sobre a vida: ficção científica e biotecnologia no cinema*. *Intexto*: Porto Alegre, UFRGS, n. 26, p. 115-131, jul. 2012.

RIBEIRO, K. S., ALMEIDA, M. A. A mídia impressa e o tricampeonato mundial de futebol: relações entre o ufanismo e o obscurantismo. *Recorde: Revista de História do Esporte*. ISSN: 1982-8985. V. 7, nº 1, janeiro-junho de 2014, p. 1-19.

SALUN, A. O. *Esportes e propaganda política na década de 1930*. *Contemporâneos Revista de Artes e Humanidades*. Santo André, n.10 mai-out, 2012. Disponível em <<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n10/artigos/esportes-propaganda-politica.pdf>> acesso em 20 set. 2017.

SESI-SP. *A Evolução do Esporte Olímpico*. SESI/SP, 2012.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23ª ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SHIRER, W. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. Volume 1 - Triunfo e consolidação (1933-1939) -Editora Agir (2008).

SILVA, C. L., SILVA, T. P. *Lazer e Educação Física: textos didáticos para a formação de profissionais do lazer*. Campinas: Papirus, 2012.

SILVA C. L., VELOSO, E. L. *Lazer, Práticas Corporais e Cultura*. Jundiaí: Fontoura, 1ed. 2015.

STIGGER, M. P. Movimento. *Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano*. Porto Alegre. ISSN 1982-8918. vol. 4, n. 7 (1997), p. 52-66, 1997.

TEIXEIRA, S. *Recorde: Revista de História do Esporte*. Rio de Janeiro. ISSN: 1982-8985. v. 2, nº 2, dezembro de 2009.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e Cultura Moderna*. 9ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

VAZ, A. F. *Lazer, indústria cultura e biopolítica*. In: ISAYAMA, H. F. & LINHALES, M. A. *Sobre Lazer e Política: maneiras de ver, maneiras de fazer*. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

VILARINHO, C. F. *O futebol do Botafogo: 1951-1960*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

REFERÊNCIAS DAS FOTOS E CARTAZES

Figura 01, pg.9, disponível em: <<http://inacreditavel.com.br/wp/olimpiada-de-1936/>>
Acesso em: 02 abr. 2017.

Figura 02, pág.21, disponível em:
<<https://encyclopedia.ushmm.org/tags/ptbr/tag/olympics>>
Acesso em: 09 abr. 2017.

Figura 03, pág.23, disponível em:
<<http://olimpiadasnaalemanhanazista.blogspot.com/2010/06/alemanha-nazista.html>>
Acesso em: 02 mai. 2017.

Figura 04, pág.25, disponível em: <<https://desatracado.blogspot.com/2014/07/a-verdade-sobre-as-olimpiadas-de-berlim.html>>
Acesso em: 10 jun. 2017.

Figura 05, pág.28, disponível em:
<<https://br.pinterest.com/pin/475903885604619446/>>
Acesso em: 15 jun. 2017.

Figura 06, pág.30, disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Luz_Long>
Acesso em: 11 jul. 2017.

Figura 07, pág.49, disponível em: <<http://m.ecuagol.com/?n=70966>>
Acesso em: 10 jul. 2017.

Figura 08, pág. 58, disponível em:
<<https://twitter.com/capasderevistas/status/1004407442925654016>>
Acesso em: 06 ago. 2017.

Figura 10 e 13, pág.53, 54 e 57, disponível em:
<http://www.usp.br/cje/jorwiki/exibir.php?id_texto=58>
Acesso em: 03 nov. 2017.

Figura 11 e 12, pág.56 e 57: Acervo pessoal.